



# **MEUS CADERNOS DE VIAGEM**

Relato De Uma Visita A Terra  
Dos Temb e Do Rio Guam a (Pa)



Miguel Ramos



**Programa Trópico em Movimento**

## **MEUS CADERNOS DE VIAGEM**

**Relato De Uma Visita A Terra Dos Tembé Do Rio Guamá (Pa)**

Miguel Ramos



**Universidade Federal do Pará**

**2022**



## **Universidade Federal do Pará**

**Reitor:** Prof. Dr. Emmanuel Zagury Tourinho

**Vice-Reitor:** Prof. Dr. Gilmar Pereira da Silva

**Pró-Reitor de Administração:** Raimundo da Costa Almeida

**Pró-Reitora de Ensino de Graduação:** Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira

**Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação:** Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Iracilda da Cunha Sampaio

**Pró-Reitor de Extensão:** Prof. Dr. Nelson José de Souza Júnior

**Pró-Reitora de Relações Internacionais:** Prof. Dr. Edmar Tavares da Costa

**Pró-Reitora de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal:** Ícaro Duarte Pastana

**Pró-Reitora de Planejamento:** Cristina Kazumi Nakata Yoshino

**Prefeitura:** Prof. Dr. Eliomar Azevedo do Carmo

**Procuradoria Geral:** Fernanda Ribeiro Monte Santo

### **Programa Trópico em Movimento**

Thomas A. Mitschein – Coordenador

Sérgio Nunes – Vice Coordenador

### **Comissão Editorial**

Nazaré Imbiriba (Coordenadora)

Sérgio Nunes da Silva

Miguel Ramos da Silva

Denise Machado

**Projeto Gráfico Capa** – Igor Aviz

**Editoração:** Miguel Ramos e Erika Estumano

**Fotografia Capa e Livro:** Miguel Ramos

# MEUS CADERNOS DE VIAGEM

Relato De Uma Visita A Terra Dos Temb  Do Rio Guamá (Pa)

Miguel Ramos

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ramos, Miguel

Nas terras dos Tembé do Rio Guamá no Estado do  
Pará [livro eletrônico] / Miguel Ramos. -- Belém,  
PA : Ed. do Autor, 2021.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-28263-4

1. Índios Tembé 2. Povos indígenas - Pará (PA) -  
História 3. Terra indígena Tembé - Pará (PA)  
I. Título.

21-77788

CDD-980.41

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Terra Indígena Tembé : História 980.41

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

## **AUTOR**



Miguel Ramos da Silva - Biólogo, Doutor pela Universidade de Trás-os- Montes e Alto Douro, Professor Aposentado da Universidade Federal do Pará.

## Sumário

BEM NO PRINCÍPIO.....	11
<i>PRIMEIRA TENTATIVA DE ENTRADA</i> .....	13
<i>MAIS UMA TENTATIVA</i> .....	15
<i>DESTA VEZ, PARECE QUE NÓS VAMOS !!!!</i> .....	20
DIA 24 DE NOVEMBRO .....	21
DIA 25 DE NOVEMBRO .....	22
<i>ALDEIA SEDE</i> .....	26
DIA 26 DE NOVEMBRO .....	26
DIA 27 DE NOVEMBRO .....	28
DONA BITA.....	29
<i>ITWAÇU</i> .....	30
<i>AINDA NA ALDEIA SEDE</i> .....	31
DIA 28 DE NOVEMBRO .....	31
<i>PINAWA</i> .....	32
<i>YARAPÉ IWAZU</i> .....	35
<i>YPIDHÖN</i> .....	37
<i>CAÊ CAÊ</i> .....	38
BEWANE .....	38
TAHIL .....	39
ZENGAR (DENGARE) .....	39
<i>ÚLTIMO DIA NA ALDEIA SEDE</i> .....	40
DIA 29 DE NOVEMBRO .....	40
<i>ALDEIA SÃO PEDRO</i> .....	42
DIA 30 DE NOVEMBRO .....	48
CONVERSANDO EM SÃO PEDRO .....	50
<i>MURUCYTU</i> .....	52
DIA 01 DE DEZEMBRO.....	52
ANTES DE IR DE NOVO.....	53
<i>PIRÁ</i> .....	54
<i>YATAYTÉ TUÁ</i> .....	56
HILDA TEMBÉ .....	57
<i>JAKARÉ</i> .....	58
<i>SEBASTIÃO TEMBÉ</i> .....	60
<i>KOAKRAI TEMBÉ</i> .....	62
<i>O MENINO</i> .....	62
<i>Y'TAWA</i> .....	63
<i>FRASQUEIRA</i> .....	65
RETORNO A FRASQUEIRA .....	68
<i>TAPUTYR</i> .....	68
<i>TAWARI</i> .....	72
MAIS UMA VOLTA .....	74
PREPARAÇÃO PARA IR PARA MAIS UMA ALDEIA.....	74

<b>ZAWARA UHU .....</b>	<b>75</b>
<b>RUFINO ROMÃO.....</b>	<b>78</b>
<b>OUTRA VEZ EM YTAPUTYR.....</b>	<b>79</b>
<b>DORMIR EM YTAPUTYR.....</b>	<b>80</b>
<b>ACORDAR EM YTAPUTYR.....</b>	<b>80</b>
<b>ITA HU.....</b>	<b>81</b>
<b>VOLTA.....</b>	<b>85</b>



## APRESENTAÇÃO

Miguel Ramos nasceu em Nova Olinda. Localizado na pequena Vila de Pescadores e Agricultores no interior do Município de Augusto Corrêa.

Posteriormente, na cidade de Bragança, estudou o curso primário no Grupo Escolar Monsenhor Mâncio Ribeiro e o Curso Ginásial no Instituto Santa Teresinha.

Cursou Agrimensura (Primeiro ano em 1972) na Escola Técnica Federal do Pará. Em 1973, transferiu-se para o Curso Científico no Colégio Marista Nossa Senhora de Nazaré, concluído em 1974.

Em 1975, ingressou no Curso de Bacharelado em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Pará. Em 1980, foi admitido como Professor de Histologia, do antigo Centro de Ciências Biológicas, atual Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). No ano de 2002, tornou-se Mestre em Ciências Morfológicas (Histologia e Anatomia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Cheguei a conhecer esse bragantino da gema durante o Processo de Interiorização da Universidade Federal do Pará, do qual participou em Bragança e em Cametá, durante o período de 1986 a 2002.

Fico extremamente contente em destacar que a Iniciativa Tembê, implementada por um Grupo de Pesquisadores interdisciplinar da UFPA, foi acompanhada intensamente pelo Miguel Ramos. A partir disso, ele deu os primeiros passos para sua Tese de Doutorado: Estratégias de sobrevivência dos índios Tembê da Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), Estado do Pará, Brasil, na era dos créditos de carbono, Tese defendida em 2012 na Universidade de Trás os Montes e Alto D'Ouro (UTAD), Portugal. Em 2014, nos tornamos coordenadores do Projeto de Pesquisa Trópico em Movimento, incubado pela Universidade Federal do Pará.

Thomas A. Mitschein  
Coordenador do TROPICO /UFPA

## **OFEREÇO A**

Minha Primeira Tribo - Cazuzza (meu pai), Ana Maria (minha mãe), Meus irmãos Jorge Gabriel, Benedita do Socorro e Ana Karla.

Minha Segunda Tribo - Ana Regina e aos meus filhos: Pablo Apoena, Fagner Yanomani, Danillo Taiguara e Julianna Ymira.

Minha Terceira Tribo – Valéria Cristian e aos meus filhos: Vinícius Caeté e Luiz Inácio Tenetehara.

Aos Curumins meus netos - Murilo Apoena, Maria Yanomani, Melissa Da Silva, Tayná Ymira, Diogo Da Silva, Lucas Ramos (sobrinho neto) e quem mais chegar...

Aos novos Guerreiros – Pedro Manuel Caeteuara, Louis Ajiru e Polyana Mani.

Aos Valorosos defensores da Amazônia Eduardo Barros e Raul Tavares.

A Matriarca Maria Ely Gomes.

Ao Caboco alemão Thomas Mitschein

E a Livia Madureira

Obrigado enormíssimo

Aos meus amigos Tembé das Aldeias do Rio Guamá.

“O canto começou Hipnótico. Repetitivo. Melodioso. Marcado pelos maracás e pelas batidas dos pés no chão. A cantoria mágica forçou a escuridão a dar lugar ao luar. E a dança se fez presente. As canções brotavam cada vez mais lindas. O tempo era contado de outra maneira naquela noite. Acabou, não sei e não saberei nunca precisar o momento. Continuo a ouvir aquelas cantigas. Elas, tenho certeza, de agora em diante serão minhas companheiras pelo tempo que me restar.”

Miguel Ramos

## BEM NO PRINCÍPIO

Aquele dia 15 não era apenas isso. Um dia qualquer. Era um dia ainda maior do que o dia dedicado aos professores. Estávamos vivendo o mês de outubro de 2009, época das festas maiores do povo paraense. E nesse 15 de outubro, para muitos de nós, um dia feriado, foi justamente o dia marcado por Claudionor Dias, coordenador do Projeto Tenetehara, elaborado pelo Programa Pobreza e Meio Ambiente na Amazônia (POEMA), do Núcleo de Meio Ambiente (NUMA), da Universidade Federal do Pará (UFPA), para a reunião na Fundação Nacional do Índio (FUNAI), com o Diretor Regional em Belém no Pará, Juscelino Bessa.

Reunimos pela parte da tarde, por volta das 17 horas. Ainda estava fazendo um calor muito forte em Belém, naquele momento. Uma testemunha séria e investigativa nos observava por detrás da mesa de trabalho de Juscelino Bessa. E a tal figura ali, como que incrédula, se materializando pela fotografia em tamanho grande, tão grande quanto foi o seu trabalho em favor dos povos indígenas da Amazônia. O senhor sério e moreno era nada mais nada menos do que Cândido Rondon, o Marechal.

Eu mais ouvi do que falei, durante a reunião. Também pudera, eu não sabia nada em relação aos indígenas, e principalmente sobre os Tembé. Claudionor Dias explicou para Juscelino Bessa as propostas de trabalho a serem realizadas junto ao povo Tenetehara da Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), tantos os habitantes do Guamá quanto àqueles que habitam o Gurupi. A conversa passou a versar sobre a **viagem** ou **entrada** a ser realizada proximamente, as dificuldades, a estratégia a ser seguida, os componentes da equipe que se embrenhariam pela Terra Indígena e que por lá ficariam por pelo menos vinte dias. Juscelino ficou sabendo oficialmente que eu faria parte do grupo como professor e pesquisador da UFPA, visando minha tese de doutoramento em Gestão Ambiental. Não foi colocado nenhum obstáculo pelo Diretor Regional da FUNAI no Pará.

Eu, só expectativa em trabalhar com os “parentes” Tenetehara. E por essa razão ainda não decodifiquei a maneira de falar sobre os índios, feita por Juscelino. Talvez fosse o cansaço do Diretor, que me fez pensar que suas palavras continham uma certa dose de desencanto relativos aos resultados que se poderiam obter em atividades dessa

natureza a serem realizadas com os Temb . Porém acreditava que esse Programa tinha os requisitos necessários para ter sucesso.

A reunião terminou. A data de entrada nas aldeias Temb  seria estabelecida logo, possivelmente no final do mês de outubro ou até no dia 05 de novembro.

Estava aberta mais uma porta na minha vida. Que venham os TENETEHARA!!!!

## **PRIMEIRA TENTATIVA DE ENTRADA**

Mudamos como muda o vento, sem previsão e horário. Dia 05 de novembro de 2009 nossa entrada não mais será para as aldeias do Rio Gurupi, também pudera todos os caciques estão participando da décima edição dos Jogos dos Povos Indígenas, promovidos pelo Comitê Intertribal – Memória e Ciência Indígena (ITC) -, a ser realizado na cidade de Paragominas, no Pará. E são justamente os Tembé que são responsáveis pela construção das 28 malocas que abrigarão as delegações dos indígenas de outras regiões do Estado do Pará e de outros Estados do Brasil, durante os jogos. Então mudamos a direção para as aldeias do Rio Guamá, a data continua a mesma.

O que faremos no Guamá? Reuniões gerais nas aldeias mais importantes e reuniões menores em cada uma das pequenas aldeias. O objetivo é discutir o Projeto Tenetehara com todos os indígenas, de vez que as propostas para o grupo do Guamá não são as mesmas previstas para os habitantes do Gurupi.

Para embasar as discussões com o povo Tembé do Guamá, uma equipe precursora de técnicos do POEMA, comandada pelo técnico de nome Gilvandro ou simplesmente Gil, entrará antes de nós e fará o levantamento das atividades econômicas atualmente desenvolvidas pelas comunidades, tais como: levantamento das casas de farinha, casas e centrífugas para a produção de mel, situação do rebanho bovino para aplicação de vacinas, situação das pocilgas existentes. Tais dados serão incluídos nas negociações a serem levadas a efeito nas aldeias.

A partir desse levantamento os técnicos saberão se devem ou não: ampliar, consertar ou construir novas casas de farinha; licitar ou não novas casas de mel; definir a quantidade de vacinas a serem compradas para a imunização do rebanho; e se for preciso, remanejar pocilgas que por ventura estejam situadas no centro da aldeia, causando com isso problemas de saneamento para a comunidade; e ainda tentar equacionar a exigência dos indígenas que querem porque querem 03 caminhões para as comunidades do Guamá. Será que há produção que justifique tal investimento?

Para atingir as aldeias situadas no Rio Guamá, teremos de chegar até a cidade de Capitão Poço, situada a cerca de 200 km de Belém, ir até ao Posto da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) e de lá, de carro seguir até a margem esquerda do Rio Guamá, pegar um tipo de barco denominado voadeira para atravessar o rio e chegar à primeira aldeia Tenetehara. Na cidade de Capitão Poço teremos o apoio logístico do gerente da (Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará) ADEPARA, Gerson Penner. Tudo acertado, mochilas prontas, estamos aguardando apenas a confirmação por parte do coordenador do Projeto Tenetehara, Claudionor Dias para que possamos zarpar. Expectativa enorme, ansiedade transbordante. Esperar.

Que vai que nada, Claudionor Dias nos comunica com pesar, que não poderemos entrar para as aldeias do Rio Guamá, porque os caciques da região também estavam participando dos tais Jogos indígenas, em Paragominas. Que tamanha importância teriam então os Jogos Indígenas? Enorme, abrangente, retumbante por se tratar de reunião de conagração e de desporto entre representantes de várias etnias do Brasil, a contar: Amanayé, Juruna, Parakanã, Zo'ê, Anambé, Karafawyána, Surui, Apiaká, Karajá, Tembé, Arara, Katwena, Timbira, Araweté, Kaxuyana, Tiriyo, Assurini, Kayabi, Turiwara, Atikum, Kayapó, Wai-Wai, Guajá, Kreen-Akarôre, Waiãpi, Guarani, Kuruáya, Wayana-Apalai, Himarimã, Mawayâna, Xeréu, Hixkariána, Munduruku, Gavião e Xipaya.

No jornal O Diário do Pará, nº 9.257, de sábado 07 de novembro de 2009, caderno A10, Ismael Machado escreve “Juventude mostra raça em defesa de sua cultura”, onde pontua que “o orgulho é a palavra que mais bem define os jovens indígenas paraenses. O orgulho de pertencer a um povo que quase desapareceu, mas que soube resistir, com dificuldades às pressões externas. De uma quase extinção a crescimentos populacionais, os índios paraenses vivem atualmente entre o resgate total das antigas tradições e a busca por mais educação e novas tecnologias, que os permitam olhar para o futuro com confiança”. Dentre os que se destacam na reportagem de O Diário do Pará, está Sérgio Muxi Tembé, líder dos Tembé do Gurupi: “temos orgulho de sermos índios hoje. Sabemos falar duas línguas, conhecemos a tecnologia das florestas e dos rios e estamos cada vez mais valorizando a nossa cultura original, nossa identidade materna”.

É esse povo que mais cedo ou mais tarde vamos encontrar e aprender com eles. Somos todos possuidores de paciência em doses imensas, sabemos e vamos esperar o dia e a hora. O que se propõe agora é entrar nas aldeias do Rio Gurupi, assim que terminem os Jogos Indígenas, algo como sexta-feira dia 13 de novembro de 2009.

## **MAIS UMA TENTATIVA**

Nossa entrada nas aldeias Tembé do Rio Gurupi seria em um dia carregado de significados para muitas pessoas: 13 de novembro, sexta-feira. O planejamento previa a dormida na cidade de Paragominas. Pela manhã, em veículo traçado percorreríamos algo em torno de 140 km de estrada vicinal (ramal) até alcançarmos o Rio Uraim. Passaríamos a utilizar como meio de transporte para alcançarmos a Rio Gurupi um barco de alumínio tendo como propulsor um potente motor de popa, a voadeira. A partir da aldeia Cocalzinho - nosso local de dormida- situada mais abaixo no Rio Gurupi, faríamos o percurso inverso indo a cada uma das aldeias. Nosso meio de transporte pelo rio seria sempre a voadeira.

Passaríamos pela aldeia Bate-Vento e dormiríamos em uma das maiores povoações: Canindé. Em seguida visitaríamos a aldeia Ikatu, nosso próximo local de dormida. Na manhã seguinte, ainda de voadeira deveríamos seguir para a aldeia denominada Tekohaw, onde permaceríamos por volta de dois dias ou mais se fosse preciso. Tekohaw seria a base para que pudéssemos alcançar todas as outras pequenas aldeias situadas próximas. O percurso seria de voadeira e a pé. O próximo objetivo seria alcançar a aldeia Faveira, de onde sairíamos para outras aldeias situadas no entorno. Realizado o trabalho proposto seguiríamos para a aldeia Cajueiro de onde visitaríamos outras aldeias menores situadas nas proximidades. Se tudo corresse bem estaríamos voltando das aldeias do Rio Gurupi no dia 21 de Novembro de 2009.

O que a equipe faria nas aldeias do Rio Gurupi: levantamento das atividades produtivas (roças, pocilgas, criação de pequenos animais domésticos, mel, etc.), e como atividade principal apresentar o projeto Tenetehara. Esse projeto resultou do termo de Cooperação 002/07, assinado entre varias instituições públicas e privadas atuantes no Estado do Pará. Dentre as instituições signatárias, poucas restaram para



desenvolver ações com o povo Temb , dentre as sobreviventes temos a Universidade Federal do Pará (UFPA), com o seu Núcleo de Meio Ambiente (NUMA) e Programa Pobreza e Meio Ambiente na Amazônia (POEMA), que elaborou o projeto e participar  diretamente na sua execu o. O projeto prevê o levantamento dos serviços ambientais ou ecossistêmicos possibilitados pela ilha de floresta ainda preservada na Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG) situada e vigiada tenazmente pelos indígenas habitantes das aldeias Temb  do Rio Gurupi.

Nas reuniões, quer sejam gerais, ou naquelas que devem acontecer em cada uma das aldeias, mesmo nas aldeias bem pequeninas, se discutiriam os critérios para a implanta o do referido Projeto, ouvindo e acrescentado as opiniões daqueles que estarão envolvidos diretamente e que serão os maiores beneficiários, os Temb . Nessas discussões se acrescentariam as propostas de implanta o daquilo que se denominou de bolsa-floresta, que seria o pagamento de certo valor em dinheiro para cada família Temb  do Rio Gurupi, de modo que todo indígena passaria a ser um guardião e defensor da floresta, para que se evite o desmatamento. Essa proposta seria o embrião para a implanta o definitiva da proposta de negocia o de créditos de carbono oriundos do desmatamento evitado na floresta Temb , intermediada pela empresa C-Trade, junto ao mercado voluntário de carbono. Os recursos obtidos nessa transa o servirão para manter o PROGRAMA TENETEHARA (visto aqui como o marco zero na comercializa o dos créditos de carbono), aperfeiçoá-lo, ampli -lo e no futuro, vir a financiar outras atividades identificadas e sugeridas pelos Temb .

Essa atividade inicial só foi possível porque o Ministério Público Federal, parceiro e signatário do Protocolo 002/07, determinou que o recurso obtido no leilão de um lote de madeira retirado ilegalmente da TIARG e apreendido pela polícia, de posse da Secretaria de Meio Ambiente (SEMA) do Governo do Estado do Pará, fosse repassado integralmente para as entidades participantes do Projeto para a execu o do mesmo. O valor conseguido com o leilão foi de R\$ 1.400.000,00 (hum milhão e quatrocentos mil reais). Também se discutiria a participa o de indígenas como guardas florestais ou alguma coisa parecida, para que atuassem dentro da TIARG.

Seriam feitas três grandes reuniões que chamamos de reuniões gerais, uma em cada polo. Nessas, participariam além das lideranças indígenas e da comunidade Temb ,

representantes das instituições signatárias do Protocolo 002/07 que estavam desenvolvendo o projeto, como: UFPA/NUMA/POEMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Ministério Público Federal (MPF) e (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural) IPHAN. Nas aldeias menores só participariam os membros da comitiva UFPA/NUMA/POEMA, FUNAI com os membros da comunidade em questão.

O IPHAN, também acompanharia a comitiva com pessoas que estão desenvolvendo um projeto do Levantamento do Patrimônio Imaterial dos Tembé (serviços ambientais culturais). O levantamento será feito nas aldeias do Rio Guamá e naquelas situadas no Rio Gurupi. Um representante da empresa que será a intermediária na venda de créditos de carbono para o mercado norte-americano, a C-Trade, também fará parte da comitiva que entrará nas aldeias Tembé da Terra Indígena Alto Rio Guamá.

Estávamos ansiosos e prontos para a partida. Tudo revisado várias e diversas vezes. Na mochila de viagem estavam ali acomodadas: rede de garimpeiro, mosquiteiro, cordas para a rede, fios para o mosquiteiro, uma calça comprida de material bem leve, duas bermudas e quatro camisetas de algodão, assim como uma camisa de mangas compridas para proteger dos raios solares, algumas cuecas e meias, pequena toalha de banho, objetos de uso pessoal e higiene, repelente de mosquitos e uma bolsa com medicamentos. Também já estava pronto um chapéu de palha de abas longas com um barbicacho (sistema de fios com elástico vindos da parte de cima do chapéu, através de dois furos e apertados contra o queixo, de modo a evitar ser levado por vento forte), botas leves para mato, lanterna movida a dínamo, e lanterna individual para a leitura em ambientes sem energia elétrica, presente vindo de Lyon, na França, que recebi de minha filha Julianna Ymira, que ali mora e trabalha, e quis contribuir com as atividades aventureiras do pai.

Quanto à parafernália eletrônica, hoje imprescindível as atividade de um investigador no campo, minha outra mochila, bem mais pequena, estava abarrotada de coisas. Um netbook Samsung com HD de 160 GBytes de capacidade de armazenamento; um HD externo Verbatim de 500 GBytes; máquina fotográfica digital Nikon Coolpix de 10 Megapixels com cartão de armazenamento de dados Lexar SDHC de 04 GBytes; filmadora digital Sony Full HD 1080, AVCHD, 10.2 Megapixels, com três cartões de

armazenamento de dados Sony Memory Stick PRO Duo, sendo dois de 08 GBytes e 01 de 04 GBytes; gravador de voz digital Philips VoiceTracer 620, que grava em formato mp3, com capacidade de armazenamento de até 69 horas de gravação. Acrescentei um caderno de anotações e duas canetas esferográficas.

Após o término dos jogos indígenas de Paragominas, as lideranças Tembé do Rio Guamá e do Rio Gurupi reuniram-se na sede da FUNAI em Belém do Pará, com o diretor local, Juscelino Bessa, com a presença do coordenador do PROGRAMA TENETE HARA, Claudionor Dias, para tratar do PROGRAMA e da viagem. Não houve entendimento entre as partes. Problemas ocorreram. Os indígenas do Guamá não estavam contentes com o que lhes cabia no PROGRAMA e os indígenas do Gurupi queriam discutir mais as propostas.

Nossa entrada nas aldeias do Rio Gurupi, foi adiada. Precisavam discutir mais com os habitantes das aldeias do Rio Guamá. Uma reunião foi marcada para acontecer na aldeia São Pedro, no Guamá, para o dia 19 de novembro, da qual participaríamos e se tudo corresse bem, seguiríamos para outras aldeias do entorno e finalmente entraríamos nas aldeias Tembé e iniciariamos nosso trabalho.

Enquanto continuávamos os preparativos para a partida, notícias vindas das aldeias do Rio Gurupi nos surpreenderam. O jornal O Liberal em seu site eletrônico do dia 16 de novembro de 2009 publicou: Indígenas da etnia Tembé denunciaram, nesta segunda-feira (16), a retirada ilegal de madeira da reserva do Alto Rio Guamá, em Paragominas, sudeste paraense. O caso já foi levado ao conhecimento do Ministério Público Federal (MPF), IBAMA, SEMA, FUNAI e polícias Civil e Militar. A madeira seria vendida em Nova Esperança do Piriá. A notícia publicada, afirmava que, de acordo com o cacique Sérgio Muxi Tembé, os madeireiros aproveitaram que os índios estavam participando dos Jogos Indígenas, no município de Paragominas, para retirar a madeira da reserva. “Durante os Jogos, poucos índios ficaram na aldeia. Ontem, quando fomos caçar, encontramos muita madeira e máquinas”, contou. “São mais de 30 caminhões carregados de madeira, três tratores e duas carregadeiras”, contabilizou o cacique.

Caracterizados com pinturas corporais, os Tembé ameaçam atear fogo nos caminhões como forma de protesto. “As pessoas envolvidas nesse crime estão escondidas na mata. Os madeireiros estão armados”, explicou. Até agora, não foi registrado nenhum conflito na área. “Já denunciemos o caso ao Ministério Público Federal, FUNAI, IBAMA, todos os órgãos competentes”, informou Sérgio Muxi. Ainda hoje, uma equipe da SEMA (Secretaria Estadual de Meio Ambiente) deve ir até Paragominas. Viaturas da Polícia Militar também seguem para a reserva.

## **DIA 17 DE NOVEMBRO DE 2009**

### **Desmatamento em reserva indígena Tembé resulta em 16 prisões**

#### ***Agência Pará***

Uma operação envolvendo as Polícias Civil e Militar, iniciada na tarde de segunda-feira (16) e encerrada nesta terça-feira (17), resultou na prisão de 16 pessoas acusadas de desmatar uma área da reserva dos índios Tembé, na zona rural de Paragominas, município do sudeste do Estado. Motosserras, duas armas de fogo - um revólver e uma espingarda -, dois caminhões carregados de toras e um carro foram apreendidos. Os presos já chegaram à noite na sede da Seccional Urbana de Paragominas.

Onze policiais - quatro civis e sete militares, da Superintendência Regional da Polícia Civil da Zona Guajarina e do 19º Batalhão da PM - foram até a região apurar denúncias, feitas pela tribo indígena, de ocorrência de desmatamento na área. Entre os presos estão duas pessoas apontadas como responsáveis pelo crime ambiental, que teriam sido contratadas para fazer o serviço. Entre estes estão operadores de motosserra e motoristas.

Um dos presos é ex-vereador do município de Nova Esperança do Piriá. Os acusados foram apresentados ao delegado Carlos Magalhães, da Seccional Urbana de Paragominas, onde foram autuados em flagrante por crime ambiental e formação de quadrilha. Eles ficarão à disposição da Justiça. Os policiais continuarão a investigar o desmatamento na reserva indígena Tembé.

Tudo leva a crer que para o Alto Rio Gurupi, não entraremos tão cedo. Esse problema deverá ser resolvido por completo, depois disso, vamos torcer para nossa entrada acontecer. Com certeza absoluta o nosso olhar e o nosso esforço estarão voltados para o povo Temb  do Guamá.

## **DESTA VEZ, PARECE QUE NÓS VAMOS !!!!**

Dia 19 de novembro, Claudionor Dias reuniu comigo e com Juliana, a pessoa que iria entrar na Terra indígena para executar o Projeto sobre Patrim nio Imaterial dos Temb . A reunião aconteceu nas dependências do POEMA. Então estaríamos entrando para iniciar duas a es: o PROGRAMA TENETEHARA e o projeto do IPHAN. Discutimos a logística, e como orienta o, todo o nosso equipamento eletrônico deveria ser acondicionado em uma caixa de isopor vedada com fita adesiva. Corremos o risco de ter algum problema com as voadeiras e se por acaso nosso equipamento viesse a cair na água, não seria molhado e não afundaria. Aconselhado a usar calça comprida forte para evitar problemas de ferimentos por espinhos nos deslocamentos pelos caminhos entre as aldeias.

Entraremos no dia 24 de novembro, dia do aniversário do meu filho Danillo Taiguara. Nosso ponto de encontro será no posto da FUNASA em Capitão Poço, pela manhã. Uma das lideranças daquela comunidade, o cacique Naldo Temb , já está de sobreaviso para nos acompanhar até a ALDEIA SEDE, onde faremos a primeira reunião e provavelmente dormiremos. Naldo Temb  também mobilizar  as aldeias pequenas e as maiores que são: SÃO PEDRO e FRASQUEIRA. Faremos base nas três maiores aldeias, de onde partiremos para visitar todas as demais. Poderemos usar a voadeira em alguns casos e em outros iremos a p  pelos caminhos na mata. Claudionor Dias irá também, juntamente com uma pessoa da FUNAI, que ainda não sabemos o nome. Um documento já estava seguindo para a FUNAI/BELÉM para comunicar a nossa ida.

Ultimar os preparativos, carregar as baterias dos equipamentos eletr nicos, comprar a caixa de isopor com fita adesiva para a vedan o e providenciar a alimenta o que levaremos.   verdade, que na maioria das vezes não vamos dispor de cozinha

adequada para preparar a comida, o que iremos levar deverá ser algo prático: macarrão e enlatados (carne e sardinhas). Não temos como levar alimentos frescos por que não teríamos como conservá-los. Também é provável que possamos nos alimentar com peixes ou carne de caça que por ventura os Tembé possam disponibilizar para nós.

## **DIA 24 DE NOVEMBRO**

Monitorei por telefone o Claudionor Dias. Porque me incorporaria à comitiva no meio da viagem, na estação rodoviária de Santa Maria do Pará. Consegui contato por volta de 09 horas da manhã e tive a informação de eles poderiam sair de Belém pelas 10 horas. Mas havia um problema, Claudionor Dias estava sem carro, não contava com um problema mecânico no seu fusca e estava indo para a FUNAI para liberar o veículo para a viagem. Ainda por cima enfrentava uma greve de vans, aqueles veículos coletivos menores do que os ônibus convencionais que infernizam o trânsito de Belém. Então, comecei a ficar preocupado com o cumprimento do horário anteriormente estabelecido. Mesmo assim peguei a estrada rumo a Santa Maria do Pará, imaginando que no máximo ao meio dia eles passariam pela rodoviária.

Meio dia, meia hora, nada. Tentei outro contato. Eles iriam atrasar. Ainda deveriam passar pela sede da ONG Vitória Régia e depois irão ao supermercado para comprar os mantimentos e outros “que tais” para a nossa viagem. Duas horas. Outra ligação. Estavam ainda em Belém. Mas não demorariam a sair. Quatro horas da tarde, um calor infernal. Pelo celular fico sabendo que já estão a caminho, mas ainda passavam pela cidade de Marituba. Haja paciência. Se tivéssemos combinado os horários, talvez a história pudesse ter sido outra, bem melhor. Teria tempo de ter feito outras coisas bem mais agradáveis do que esperar indefinidamente. Mais um exercício de paciência. Finalmente às cinco da tarde, embarquei como quinto elemento daquele grupo que se dirigia então para a cidade de Capitão Poço, seguindo, vejam só, pela estrada que leva até a cidade de Ourém. E então fomos conversando animadamente.

Passamos por Ourém e chegamos a Capitão Poço antes das seis e meia da noite. Chegamos à antiga casa onde funcionava o posto da FUNASA para a aldeia SEDE.

Fechada; Seguimos para o polo da FUNASA que atende as aldeias ligadas à aldeia SÃO PEDRO e a aldeia FRASQUEIRA, próximo a Polícia militar. Não havia ninguém nos esperando. Já haviam estado antes e com certeza não tiveram tanta paciência. Mas encontramos vários índios Tembé de outras aldeias que ali dormiam, porque alguns seguiriam para Belém onde tentariam resolver problemas relativos aos funcionários das escolas das aldeias. Professor Wendel Tembé convidou-me oficialmente para participar dos Primeiros Jogos Internos da escola denominada Ytapatyr situada na aldeia FRASQUEIRA, onde ele era o Diretor, que seriam realizados no dia 12 de novembro. Claudionor Dias conseguiu contato com Naldo Tembé, cacique da Aldeia SEDE, que pediu para que entrássemos no dia seguinte pela manhã. Mandaria alguém para nos acompanhar.

As compras não foram realizadas em Belém. Tivemos de fazê-las em Capitão Poço. Muitos enlatados, leite, sabão e outras coisinhas; Claudionor Dias sugeriu que fossemos dormir em Ourém. Fomos. Ao chegar à Pousada Rio Guamá, soubemos que havia muitos hóspedes naquela noite e só seria possível arranjar dois quartos com ventilador. As duas meninas ocuparam um dos quartos e eu, Claudionor Dias e o motorista dormimos no outro. O quarto contava apenas com duas camas. Eu dormiria na rede, como de fato dormi. Saímos para jantar em um restaurante que já estava fechando. Os donos foram muito simpáticos e nos serviram muito bem tudo que ainda tinham. Comemos bem. Terminamos e antes de dormir sentamos em um banco na praça confronte a Prefeitura e abrimos uma garrafa de Campari.

## **DIA 25 DE NOVEMBRO**

Levantamos cedo na Pousada Rio Guamá em Ourém. Por volta das seis horas da manhã, o café já estava sendo servido no restaurante. Algo estranho, um grupo grande de agentes da Polícia Federal também havia dormido naquele local. Deveriam estar em missão na região, pois estavam armados e ocupavam três viaturas. Rumamos para Capitão Poço, em direção ao posto da FUNASA. Encontramos vários índios, de aldeias diversas, que ali foram em busca de atendimento médico. Alguns se preparavam para viajar até Belém.

O chefe do posto da FUNASA na aldeia SEDE chegou pilotando uma caminhonete traçada Mitsubushi branca. Claudionor Dias seguiu com ele e nós fomos no nosso carro, também traçado. Viajamos por uma estrada de terra, um ramal de péssima condição de conservação na estação sem chuvas. Fiquei imaginando como seria nos dias chuvosos. Havia crateras que quando cheias de água deveriam transformar-se em lagos de grande profundidade e rios caudalosos. Viajamos por entre fazendas. Muito pasto, pouquíssima floresta nativa, muito, mas muito raramente víamos algumas ilhotas de floresta primária. Chegamos a uma bifurcação. Avançamos mais e começamos a entrar em uma área de floresta. Dava para desconfiar que estávamos entrando na floresta nativa que formava a franja ciliar do Rio Guamá. A estrada tornou-se cada vez pior e mais e mais estreita. Dava para ver que ali era várzea, estava seco neste momento, mas, deveria haver muita água na estação chuvosa e se transformava em um obstáculo respeitável para se trafegar por aquelas paragens.

Soubemos depois que a estrada por onde transitávamos só estava disponível na estação seca, na época chuvosa deveríamos seguir alguns quilômetros rio abaixo, até onde os fios elétricos atravessavam por sobre o Rio Guamá para levar energia elétrica para a aldeia SEDE, e desse lugar atravessar para a aldeia SEDE. Chegamos a uma pequena clareira onde já estavam estacionados uma caminhonete Ranger preta e uma Fiat estrada branca. Descemos e logo ali adiante se abria o caminho e enxergamos o Rio Guamá. Alguns passos mais adiante e abriu-se, como que em um encanto avalônico a aldeia SEDE, do outro lado do rio. Nosso objetivo há tanto perseguido. Passado o deslumbramento inicial. Voltamos ao trabalho.

Começamos a descarregar a nossa bagagem da caminhonete. Carregamos para a margem do rio. O filho do cacique Naldo Tembé veio pilotando uma pequena canoa de madeira para atravessarmos com nosso equipamento para a aldeia SEDE. Todos nós ficamos descalços para poder pisar nas areias do rio e embarcar na pequena canoa.

Cumprida a proeza da travessia, molhamos os pés nas águas do Rio Guamá e pisamos na areia fina depositada na margem. A primeira casa perto do porto, de alvenaria e coberta de telhas, pertencia ao cacique Naldo Tembé. Começamos a carregar nossas



coisas desta vez para o posto da FUNASA, onde ficaríamos hospedados durante nossa permanência na aldeia SEDE. Naldo Tembé e a comunidade já nos estavam esperando para a reunião. Estávamos horas atrasados, pois a dita cuja estava marcada para as sete horas da noite anterior. Só tivemos tempo para deixar as coisas no chão, tomar um pouco de água e caminhar para o barracão da comunidade para dar início aos trabalhos.

Começamos a montar os equipamentos: notebook, data show, filmadora, máquinas fotográficas. Os indígenas residentes na Aldeia SEDE vão chegando aos poucos e sentando em carteiras escolares espalhadas dentro do barracão que tanto podem servir para reuniões quanto para festas. O barracão estava coberto com telhas de fibrocimento (brasilit) do tipo calhetão no centro e por telhas comuns nas laterais. Enquanto prosseguíamos na tentativa de instalar os equipamentos, o Professor Diquinho Tembé, que trabalha e mora na Aldeia SEDE, jogava terra em cima de cocô de galinha para que não sujássemos nossos tênis. Fez muitos montinhos de terra. Enquanto isso começou uma briga entre cachorros dentro do barracão, bem ao nosso lado, felizmente acalmada por alguns Tembé. Claudionor Dias e Naldo Tembé tentavam improvisar uma tela para que servisse como anteparo para a projeção a ser feita com o data show. Houve problemas com o pendrive, Juliana solucionou.

Ali estavam os caciques e lideranças de várias aldeias do entorno, pertencentes à Associação Indígena Tembé da Aldeia Sede e Itwaçu (AGITASI). Demoramos a iniciar as atividades programadas. Não havia uma parede para projetar os slides. Trouxeram uma toalha da igreja católica da aldeia. Colamos algumas cartolinas nela para melhor definir as imagens projetadas. Funcionou mais ou menos. E enfim a reunião começou. Claudionor Dias iniciou a fala apresentando nossa equipe de trabalho, com a formação e objetivos de cada componente (Juliana, Weleda e eu). Falou sobre o projeto do levantamento do patrimônio imaterial, a ser realizado pelo IPHAN. Pediu para que os caciques recebessem os pesquisadores e fornecessem as informações solicitadas. Após isso, começou a falar sobre o PROJETO TENETEHARA. Nesse momento a temperatura da reunião subiu. E subiu muito.

O cacique Naldo Tembé quer rediscutir o PROGRAMA TENETEHARA. Quer falar com os atores envolvidos: FUNAI, Ministério Público Federal, SEMA e UFPA.

Acredita que os Temb  do Guamá estão sendo “enrolados”. Reclamou da ausência de Juscelino Bessa que afirmou que viria participar da reunião na aldeia SEDE e desmarcou em razão da chegada   Belém do presidente da FUNAI, Márcio Meira. Nesse momento um helicóptero sobrevoa a aldeia, a criançada corre para fora para ver a passagem da aeronave.

A reunião acontecia com a pressão crescente dos presentes sobre Claudionor Dias que mal pode explicar todo o projeto. Os Temb  estavam fechados em torno da exigência de tr s caminhões, cada um para uma Associa o Indígena e não apenas um para os três grupos, como previa o PROGRAMA TENETEHARA. Enquanto tudo isso acontecia, uma família da aldeia torrava farinha de mandioca em uma casa de farinha comunitária situada confronte ao barracão, na beira do rio. Quando terminaram seu trabalho foram embora, não vieram participar das discussões.

O cacique Naldo Temb  continuava descontente e visivelmente contrariado com a divisão dos recursos obtidos com o leilão da madeira apreendido na região do Rio Gurupi. Não estava contra a institui o e o pagamento da bolsa-floresta para as mulheres do Gurupi. Queria que fossem comprados e entregues imediatamente os três caminhões. Mesmo com toda a agita o, não percebi nada que viesse nos ameaçar naquele momento. O problema era contra as institui es envolvidas no acordo firmado anteriormente. A certa altura Naldo Temb  pronunciou uma frase marcante e emblemática: “o perdedor já entra nervoso na luta”. Sentou-se e ficou mais quieto.

Ao redor do meio dia, a reunião ainda continuava, desabou o telhado de uma casa que estava sendo construída na aldeia, situada logo depois do campo de futebol. Parte das telhas que caíram, quebraram, assim como as ripas e os esteios. Felizmente os trabalhadores tinham saído para o almoço. Ninguém ficou ferido. Grande parte dos homens, das mulheres e das crianças que assistiam a reunião saíram para ver de perto o acontecido. A discussão se encaminha para a exigência de revisão do projeto. Os Temb  afirmam que a FUNAI os esqueceu. Querem saber sobre o mel, que estava pronto e envasado e nunca vieram buscar. Isso era uma falta de respeito para com os índios, afirmou o cacique Naldo Temb . Que finaliza propondo um Conselho para gerenciar as questões indígenas.

## ALDEIA SEDE

DIA 26 DE NOVEMBRO



Aldeia SEDE situada na margem direita do Rio Guamá.

Uma aldeia que segue o Rio Guamá. A casa do Cacique Naldo Tembé é a primeira pela qual passamos ao pisarmos no chão Tembé. É uma casa grande, de alvenaria, coberta de telhas de barro e com amplas varandas. Vários motores de popa estão guardados na varanda. A frente da casa não é voltada para o rio e sim para a rua que atravessa a aldeia. A aldeia tem trinta casas e (120) cento e vinte habitantes. Conta com luz elétrica direta, há um ano e meio, fornecida pela Rede Celpa, mas não tem iluminação pública nas ruas. Tem poço artesiano com caixa d'água com capacidade para armazenar 10.000 litros de água, mas neste momento passa por um período de racionamento devido à seca na região, mesmo a aldeia estando situada às margens do Guamá, um rio perene e volumoso. A água é tratada e chega a todas as casas da aldeia. Existe na aldeia um Agente Indígena de Saneamento (AISAM) que cuida dos serviços de água e saneamento, é o índio conhecido como Pelé Tembé.

Em frente à casa do cacique encontramos uma construção em alvenaria, nova, bem feita e moderna que abriga o Polo Base de Saúde da FUNASA da aldeia SEDE. **O primeiro polo de saúde do Brasil a funcionar dentro de uma aldeia indígena.** Nas aldeias do Rio Guamá, apenas na aldeia SEDE é assim. Conta com os serviços de uma técnica em enfermagem que permanece 20 dias seguidos na aldeia. Folga dez dias. Esse período é coberto por outro profissional. No polo há um consultório dentário e um dentista atende os Tembé todos os dias da semana. Na aldeia é possível receber

atendimento dentário como: obturações, limpeza, extrações e até tratamento de canal. O dentista mora na cidade de Capitão Poço. O médico vai à aldeia uma vez por mês, e quando se faz necessário o paciente é levado de carro até Capitão Poço. O polo conta com administrador, secretário e contador. Os recursos para a saúde são gerenciados pela AGITASI.

As crianças e os jovens da aldeia estudam em uma escola de ensino Fundamental e Médio. A escola funciona em um prédio antigo com duas pequenas salas de aula. Em uma minúscula sala transformada em dormitório, moram os professores que preparam suas refeições na cozinha da escola. Um dos professores prefere dormir em uma tenda de camping armada no pátio da escola. Com exceção do Professor de arte indígena, Diquinho Tembé, que reside na aldeia, os demais são de cidades próximas e viajam para suas casas no final de semana.

A Associação Indígena Tembé da Aldeia SEDE e ITWAÇU (AGITASI) conta também com a adesão das aldeias YPIDHÕ e PINAWA. Há três anos mantém convênio com a Prefeitura Municipal de Santa Luzia do Pará, e recebe mensalmente o repasse de R\$ 56.000,00 (cinquenta e seis mil reais) via Serviço Único de Saúde (SUS). Esse recurso financeiro mantém o funcionamento do Polo de Saúde e dá suporte à manutenção do fornecimento de água.

Todas as famílias têm renda proveniente do seu trabalho nas roças. Vendem a farinha, o açaí e alguns fabricam e vendem artesanato. As famílias não têm acesso ao programa Bolsa Família. Somente agora começaram a fazer o cadastramento. A aldeia Sede tem apresentado uma redução da população. No ano de 2009 morreram mais pessoas do que nasceram na aldeia. Por essa razão o cacique Naldo Tembé fez reunião pedindo para os casais que possam sustentar uma criança que tenham filhos. Pediu para evitar o uso de preservativos e com essa política estão sendo esperados oito novos Tembé na aldeia SEDE.

O cacique Naldo Tembé dirige a aldeia SEDE. É o presidente da AGITASI e a maior liderança das aldeias do Rio Guamá, muito respeitado pelos caciques e lideranças do Rio Gurupi. Tanto é verdade que é dele a assinatura em nome dos Tembé que está

posta no convênio entre as instituições e o povo Tembé da TIARG para as ações de eco-desenvolvimento.

Naldo Tembé tem 38 anos de idade, é casado, tem dois filhos e dois netos. De estatura mediana, é forte e determinado. Foi candidato a vereador pelo Partido dos Trabalhadores (PT), eleições de 2008 pelo município de Santa Luzia do Pará. Obteve 379 votos, (todos os votos para vereador da aldeia foram dados a ele) mas não foi eleito. Atualmente exerce o cargo de Secretário de Meio Ambiente e Turismo do município de Santa Luzia do Pará. Estuda na escola da aldeia e espera concluir o ensino médio em dezembro de 2009. Gostaria de fazer um curso superior na modalidade intervalar. Não fala, mas entende a língua Tembé. Escreveu, em parceria com um linguista, uma cartilha da língua Tembé.

## **DIA 27 DE NOVEMBRO**

O dia começou agitado. Cinco e meia da manhã já estávamos acordados em nosso alojamento no polo de saúde, e soubemos que Raimar, nosso motorista dormiu mal, dormiu na rede que estendeu no chão, pois a dita cuja era de criança, tão pequena que quando armada não cabia ele, que é bastante grande. Claudionor Dias vai viajar para Belém com o cacique Naldo Tembé para participarem de algumas reuniões relativas aos problemas indígenas. Claudionor ficará por Belém, assumo o comando das operações. A auxiliar de enfermagem Helena que presta serviços por 10 dias na aldeia sede, 10 dias na aldeia Pinawa e folga 10 dias, vai resolver problemas de sua saúde no Hospital Ofir Loyola, em Belém do Pará.

Pouco depois das 6 horas da manhã nos preparamos para atravessar o Rio Guamá em uma pequena canoa de madeira. Do outro lado do rio, muitos Tembé, que formavam um cortejo interessante, quase todos vestiam camisetas vermelhas, parecia uma delegação do Partido dos Trabalhadores (PT). Algumas pessoas que iriam viajar naquele horário estavam atrasadas e o cacique Naldo Tembé, que é muito forte, comunicava-se com outras pessoas deste lado da aldeia, mas, distantes de onde estávamos, literalmente no grito. Uma mensagem gritada fortíssima, amplificada pelo

silêncio da manhã e pela tranquilidade do rio. Nunca antes nestes meus quase 60 anos de vida tinha ouvido algo assim. E a resposta dos interlocutores era no mesmo tom e altura. Pouco antes ouvi gritos do outro lado do rio. Era um padeiro vindo de Capitão Poço que anunciava pão. Logo depois encontrei com o vendedor de pão, carregava uma caixa de isopor dessas grandes, protegida por uma armadura de madeira a exemplo daquelas usadas pelos vendedores de peixe na região costeira do Pará. O vendedor percorreu toda a aldeia no seu negócio itinerante.

O cacique Naldo Tembé pediu para que nosso motorista levasse aquele grupo que estava atrasado, até a cidade de Capitão Poço. Del, um Tembé retornado para a aldeia SEDE, precisava atravessar sua moto, pois necessitava viajar até Santa Luzia do Pará. Ele e o motorista fizeram um grande esforço tanto para embarcar do lado daqui, quanto para desembarcar aquela moto. Era simplesmente um quadro impressionante naquela manhã: a travessia de uma moto em uma canoinha de madeira. É bem possível que o fato de presenciar esta situação tenha sido uma maneira rara e única e de pouquíssima probabilidade de repetição para mim. Depois do almoço, o filho do cacique, que administra o posto, perguntou se o nosso veículo tinha macaco, pois o seu carro estava com um pneu furado. Raimar atravessou com ele o rio; verificaram que os dois pneus estavam secos. Foi com o administrador e alguns passageiros a Capitão Poço. À tardinha voltou trazendo consigo a enfermeira que estava prestando serviço na aldeia PINAWA. A mesma vinha para assumir suas atividades agora na aldeia SEDE.

## **DONA BITA**

É uma mulher negra de 77 anos que sempre morou nas terras Tembé. Mora há muito tempo na aldeia SEDE, em uma casa típica construída com esteios de madeira e coberta e cercada com palhas. Foi a única construção desse modelo que encontrei na aldeia SEDE. Dona Bitá cuida da sua roça, carrega lenha, prepara sua própria comida e continua lúcida e alegre. Quando me viu disse imediatamente que eu era índio, e índio Tembé.

## ITWAÇU

Tahil, um guerreiro Tembé foi o nosso guia para chegarmos até a aldeia ITWAÇU (Cachoeira grande), distante cerca de dois quilômetros da aldeia SEDE. Viajamos logo depois do almoço, com sol forte e muito calor. Tahil Tembé foi armado com sua faca, seu arco e três flechas. Passamos pelo cemitério da aldeia SEDE, na saída da aldeia. É ali que os Tembé de todas as aldeias do Alto Rio Guamá são enterrados quando morrem. Seguimos margeando o Rio Guamá. A estrada era boa e larga, usada por motos e bicicletas. Soubemos na volta, que duas motos da aldeia haviam se chocado naquela estrada. Sem grandes estragos para os pilotos e passageiros.

Entramos por uma floresta mais densa e escura onde se destacava uma ponte de paus roliços, bastante alta, que era para ser usada pelos pedestres em época de cheias do Rio Guamá. Chegamos à aldeia ITWAÇU.



Pequena, cerca de oito casas construídas em alvenaria, seguindo o modelo Tembé de quatro águas, porém nenhuma coberta de palha. As casas estavam dispostas em círculo, ao centro um pequeno campo de futebol.

Não tem luz elétrica. Tem poço artesiano com caixa d'água construído pela FUNASA. Todas as casas recebem água encanada e tratada. Conta com um agente de saúde indígena (AIS) e um agente indígena de saneamento (AISAM). Também possui uma casa de farinha manual. As crianças estudam na escola SEDE.

O cacique é o senhor Pedro Tembé. Sua esposa ensina remédio, é pajé. A liderança da aldeia é o Tembé conhecido por PINÁ, que participa das discussões representando a aldeia ITWAÇU. O cacique Pedro nos ofereceu açaí. Tomamos aquela bebida com muito gosto. Seguimos com Tahil Tembé no sentido rio abaixo para conhecer a Cachoeira Grande que dá nome à aldeia. Um lugar belíssimo nessa época do ano que vale a pena conhecer. Voltamos para a aldeia SEDE.

## **AINDA NA ALDEIA SEDE**

### **DIA 28 DE NOVEMBRO**

Acordamos cedo, tomamos café reforçado preparado pelo nosso motorista Raimar. Todo o equipamento já estava selecionado e preparado, pois teríamos um dia muito longo pela frente, por isso também separamos da caixa de mantimentos a comida que iríamos precisar em algumas das aldeias que visitaríamos. Em nosso roteiro de visitas constavam as seguintes aldeias: PINAWA, YARAPÉ IWAZU e YPIDHÕ, sendo a mais distante PINAWA por onde iniciariamos o trabalho e ao longo do dia, já voltando no sentido da aldeia SEDE, passaríamos pelas aldeias previstas no roteiro. Quem fez nossa travessia do Guamá, foi o jovem guerreiro Tahil Tembê em uma pequena canoa de madeira pertencente ao seu pai. Descemos em um ponto cerca de cinquenta metros de onde ficavam estacionados os veículos. A margem era bastante íngreme e cheia de raízes. Juliana escorregou e molhou seu pé esquerdo. Teve de seguir por todo o dia com seu tênis molhado. Caminhamos por uma trilha dentro do mato, pela margem esquerda do rio até chegarmos a pick-up que nos levaria ao trabalho.

Já de carro, atravessamos a franja de floresta que naquele trecho protege as margens do Rio Guamá e rumamos por uma estrada de terra, um ramal, para a direita, no sentido contrário à cidade de Capitão Poço, seguindo a correnteza do grande rio que desde sua nascente teimava em conhecer Belém e desaguar no mar. Há um lugar, muito próximo da aldeia YPIDHÕ onde uma ponte de madeira em estado não muito bom cruza o Rio Guamá e nos coloca outra vez na TIARG. Atravessamos com muito cuidado a ponte muito comprida. Tínhamos algumas indicações e orientações que nos fariam chegar até a aldeia PINAWA. Sabíamos que sempre teríamos que entrar em um ramal estreito à direita, assim que avistássemos uma casa de cor verde. O ramal era antes da casa.

Um pouco depois de entrarmos no ramal encontramos um grupo de caçadores que andavam em sentido contrário ao nosso, com suas cartucheiras quebradas no ombro e seus cachorros magrinhos, pequenos e valentes. Vimos a primeira placa que indicava que estávamos em terras indígenas. A estrada de terra segue sempre entre cercas de fazendas. Tivemos de parar o carro várias vezes para abrir uma porteira que fecha a



estrada para evitar a passagem de animais das fazendas. É uma porteira rústica, geralmente feita com um pau liso e arame farpado que deve ser retirado de um aro também feito de arame, colocadas em um poste na cerca. Para fechar a dita porteira, se faz o movimento inverso. Essa porteira é chamada de colchete. Eu é que fazia o serviço de abrir e fechar os colchetes e como resultado feri minha mão no arame farpado e um pequeno pedaço de madeira entrou e ficou encravado no meu dedo. Passamos por mais uma delas antes de chegarmos a aldeia PINAWA.

## **PINAWA**



Em Tembé quer dizer “BACABA”, um fruto de palmeira normalmente solitária, a bacabeira, de porte grande e diâmetro parecido com o de um coqueiro. Como o fruto é de cor branca-enfumaçado, externamente, seu vinho é leitoso e muito saboroso.

O cacique da aldeia PINAWA é Edvaldo Tembé, conhecido como Vai. Ele é irmão do cacique Naldo Tembé, da aldeia SEDE que é presidente da AGITASI. Nos contou que ali onde hoje é a aldeia criada em 05 de agosto de 2005, foi uma antiga vila fundada por posseiros e que era conhecida como Vila do Bacaba, referência a um rio de bom porte e bastante piscoso que fica às proximidades. Os colonos foram retirados no ano de 2003 em ação comandada pela FUNAI. Os habitantes foram remanejados e realocados em locais como: Areia Branca, Paragominas e arredores. Duas das casas do lugar foram reformadas.

Hoje a Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC) está construindo uma nova escola, que já está em funcionamento com atividades do Ensino Fundamental de primeira até a oitava séries. Os professores contratados pela SEDUC são os mesmo da aldeia SEDE e trabalham em sistema de rodízio. Os professores de português e de matemática são locais, isto é: moram na própria aldeia. Um professor indígena de nome Gil, que é Tembé da aldeia YPIDHÕ, mas mora na cidade de Capitão Poço, atua na escola. Os professores quando em atividade moram em um compartimento na própria escola. O prédio onde funcionava a antiga escola hoje abriga uma família Tembé. A aldeia também conta com um posto de saúde, com um técnico em enfermagem distribuídos da seguinte forma: um dos técnicos fica na aldeia por 20 (vinte) dias seguidos, tira 10 (dez) dias de folga, nesse intervalo, um outro técnico vem e fica por dez dias, quando então retorna o técnico anterior. Desse modo a aldeia fica coberta com um técnico sempre, vinte e quatro horas por dia. Os casos mais complexos são enviados para Capitão Poço ou para a cidade de Santa Luzia do Pará, município com o qual a aldeia faz fronteira.

Para além de PINAWA, fica a aldeia ITA HU (Pedra Grande), do cacique Joca Tembé, a cerca de trinta quilômetros, bem próxima da vila Marapinima no município de Garrafão do Norte. Edvaldo Tembé nos afirma que ITA HU era formada por três famílias, porém duas delas deslocaram-se para habitar uma povoação recuperada de posseiros de nome Nossa Senhora da Conceição, com o intuito de ocupar a região da TIARG, pois é política dos Tembé ocupar todo o espaço no mais curto período de tempo e com isso criar postos avançados de vigilância do seu território. Esse povoado ainda não é reconhecido como aldeia e ainda não tem um nome Tembé.

No rio Bacaba, é possível pescar aracu ou piau e traíra. Há grandes quantidades de arraias que são pescadas e que vez por outra causam problemas com suas ferradas, grande alvoroço e aumento de atividade no posto de saúde da aldeia. Nesta época do ano o rio está quase seco, só com alguns poções. Na época das chuvas, torna-se bem caudaloso. A pesca é feita com fisga e visor, não índios podem visorar (no Guamá os Tembé não permitem visorar), porém há que se ter a permissão do cacique para poder pescar no rio Bacaba.

Como entre os Temb   é costume que as aldeias sejam formadas por núcleos familiares que por razão de conflitos internos ou no caso atual a necessidade de ocupa o territorial, para PINAWA também se deslocou o senhor Manoel Gomes dos Reis, seu Nito, que é o pai dos caciques Naldo Temb   e Edvaldo Temb  . Seu Nito não    ndio, a mãe dos caciques sim, era Temb  . Atualmente seu Nito é casado com outra Temb  .

Tivemos uma longa conversa com o cacique Edvaldo Temb  , sentados em um banco de madeira debaixo de uma árvore, em frente ao posto de saúde. A aldeia   servida por energia elétrica direta vinte e quatro horas por dia, têm água encanada e tratada em todas as casas. A  gua vem de poço artesiano construído pela FUNASA com caixa d'água com capacidade para 10.000 litros. Nesta altura, em dezembro, com a falta de chuvas a água   racionada. A aldeia   servida por estrada que d  acesso para as cidades de Capitão Poço e Santa Luzia de Pará, e seguindo para ITA HU, pode-se chegar a Marapinima, Garrafão do Norte, saindo para Paragominas. Possui uma casa de farinha mecanizada e muito bem equipada, mas que segundo seu Nito poderia ser mais bem aproveitada, se eles tivessem um caminhão para transportar a farinha que ali poderia ser produzida. Esse caminhão poderia também transportar açaí para os mercados próximos.

Conversamos com a senhora Maria Temb  , cuja família habita o prédio onde funcionava a escola no tempo dos colonos. A casa muito bem conservada com a cozinha equipada com geladeira, fogão a gás e utensílios domésticos. Fora da casa encontramos um fogão a lenha onde estava sendo cozido o feijão. Dona Maria possui uma horta muito bem cuidada onde pod mos encontrar pimentões, cebolinha, pimenta, diversos temperos e plantas medicinais. Encontrei uma verdura rara denominada de "orelha de macaco" que é muito saborosa e crocante. O que é aparentemente natural, nesta aldeia todas as casas possuem antenas parabólicas com televisores de 29 polegadas. Aliás em todas as aldeias que tem energia elétrica direta   possível encontrar antenas parabólicas.

Chegou um vendedor de sucos com pão. Comprei alguns pães. As crianças da aldeia aproveitaram para comprar seu lanche. O vendedor utilizava um dos meios de

transporte mais comuns para a região: a moto. Dessa maneira percorre várias vilas e aldeias nas proximidades e vai tocando seu negócio.

Aproveitamos para conversar com seu Nito e sua esposa além de alguns Tembé da aldeia do JAKARÉ que tinham vindo visitar seus parentes. Foi uma conversa muito proveitosa. Dentre os visitantes havia um Tembé que vive e trabalha em Ananindeua. Trabalha na feira da Cidade Nova 5. É açougueiro e é conhecido pelo nome de índio. Almoçamos no posto de saúde, Raimar nosso motorista preparou um lauto almoço que constava de macarrão (lamê), sem qualquer molho. Só macarrão. Terminamos o almoço e rumamos pela estrada de terra, rumo à aldeia YARAPÉ IWAZU, a aldeia do cacique Macaco Tembé. Tínhamos algumas indicações de como lá chegar, era uma aldeia muito nova, recém-instalada. Teríamos que voltar ao ramal principal, seguir no sentido Capitão Poço, buscando o Rio Guamá até encontrarmos uma entrada nova construída recentemente.

Vale dizer que as aldeias componentes da AGITASI, cujo comando está centrado na aldeia SEDE são, além da própria SEDE que é o polo: ITWAÇU, YPIDHÕ e PINAWA. A aldeia para onde estávamos indo YARAPÉ IWAZU, mesmo estando localizada entre PINAWA e YPIDHÕ não estava congregada a AGITASI, porque ela foi fundada por um Tembé conhecido pelo nome de Macaco que antes habitava a aldeia FRASQUEIRA, que fazia parte de outra associação, a AGITARGMA, a mais antiga que congregava a todas as aldeias Tembé do Guamá e hoje está em vias de desaparecimento por problemas vários. O grupo cujo polo é a aldeia FRASQUEIRA estava criando uma nova Organização a ser presidida por uma mulher da aldeia YTAPUTYR, Nazaré Tembé.

## **YARAPÉ IWAZU**

Em Tembé quer dizer “IGARAPÉ DA FRUTA MADURA”. Estava mesmo lá, naquela entrada ampla e limpa. Entramos por aproximadamente 50 metros de estrada.



**Aldeia YARAPÉ IWAZU**

O carro ficava ali, não podia passar pelo leito seco de um igarapé. Para os pedestres uma ponte feita com troncos de madeira. Onde o nosso carro ficou, alguns meninos da aldeia brincavam em tubos de concreto que seriam utilizados em um poço do tipo amazonas que a FUNASA estava a construir na aldeia.

Atravessamos a ponte de madeira e avistamos duas casas, uma coberta de palha, maior e outra coberta com cavacos. Cachorros aproveitavam o calor e o sol forte para na sombra da casa, dormirem e dormirem bem. Nem nos notaram. Gritamos nos identificando. Pedimos permissão para entrar. Uma senhora nos recebeu e se identificou como a esposa do cacique Macaco. Ele estava na aldeia descansando em uma rede debaixo de uma mangueira perto de um açaizal. Lugar agradabilíssimo com temperatura acolhedora. Recebeu-nos aquele Tembê grande de pele clara e bem nutrido. Continuou na rede enquanto a conversa fluía. Apresentou sua filha casada com um Tembê conhecido por Jacaré. Vieram da aldeia FRASQUEIRA e fundaram sua aldeia naquele local anteriormente habitado por invasores da TIARG. As casas ainda eram provisórias, pois estavam ali há apenas 04 meses. Na casa menor, a sala era usada como sala de aula. O poço estava sendo cavado, ainda não havia água de boa qualidade, serviam-se de um igarapé entre os açaizeiros. Pretendiam manejar açai, criar peixes em açudes já existentes no local e se possível participar da criação em cativeiro de animais silvestres.

A casa principal onde morava o cacique e sua família abrigava ainda mais duas outras famílias que já estavam construindo as casas onde morariam. Conseguiram fazer uma ligação de energia elétrica provisória com oscilações na corrente, enquanto aguardavam a Rede Celpa fazer o serviço definitivo. Na casa tinham fogão a gás e frízer para conservar sua comida. Também tinham tv em cores e antenas parabólicas.

## **YPIDHÕN**

PITOMBA em Tembé, também era o nome do igarapé afluente do Rio Guamá que servia como limite mais a jusante da TIARG. A aldeia estava situada às margens do pequeno igarapé nesta época do ano completamente seco.

A entrada da aldeia é por dentro de uma fazenda situada às margens do Guamá em uma nesga de terra fronteira com YPIDHÕ. Dois colchetes tiveram que ser abertos, alguns meninos da aldeia YARAPÉ IWAZU que pegaram carona conosco para tomarem banho no Rio Guamá abriram e fecharam o primeiro colchete. O carro estacionou antes do segundo colchete. Seguimos a pé. Estávamos ladeando o rio Guamá. Um lugar muito bonito. Poucas casas. Gritamos para chamar alguém. Depois de algum tempo um senhor apareceu e nos falou que quase todos saíram da aldeia, inclusive o cacique Chico Tembé (Francisco da Conceição Cruz) que fora levar o seu filho para tirar documentos pessoais aproveitando o mutirão que estava a ser realizado em Capitão Poço. Os índios da aldeia criam alguns bois e o maior deles resolveu nos estranhar. Corremos para o nosso carro e nos despedimos da aldeia. Voltaríamos no dia seguinte para conversar com o cacique.

Voltamos para a aldeia SEDE. Quase ao anoitecer, aproveitando o sol restante, porque ali na TIARG, no Guamá a noite chega mais cedo. Tomamos um grande banho nas águas mornas do Rio Guamá. O banho foi motivado também pelo racionamento imposto pelo sistema de água da aldeia. Nesta época, mesmo às margens do grande Rio, os poços secam. Pela manhã, um pouco de água é colocado na caixa d'água para que as casas possam realizar suas tarefas mais necessárias, por volta de 9 horas da manhã não há mais água nas torneiras. Só por volta de 6 da tarde mais água é

colocada na caixa e liberada. Logo mais a noite teremos uma apresentação de Caê Caê ou Dhengare ou Dangar (zengar, grafia em Tembê).

## **CAÊ CAÊ**

Nessa noite de sábado dois artistas locais que estudam com o Tembê Chico Rico da aldeia ITAPUTYR, Bewane e Tahil cantariam para nós e todos estavam convidados para, a caráter pularem o caê caê.

## **BEWANE**

Bewane Tembê tem 17 anos, está atrasado na escola formal da aldeia, lá pela quinta série do Ensino Fundamental, no entanto, é um dos mais destacados na escola de formação Tembê, instituição informal e eventual que funciona quando é possível, na aldeia ITAPUTYR e tem como instrutor maior o Tembê que veio do Gurupi, Chico Rico. Bewane, um tembê bem típico, cor escura e cabelos lisos e longos é um dos melhores artesãos, naquilo que se refere a arte indígena na confecção de colares, plumárias, cestaria e enfeites de toda ordem. Seus trabalhos possuem um acabamento bem superior a aqueles com os quais tive contato. Participa de encontros da juventude indígena na aldeia SÃO PEDRO, patrocinado pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e trabalha na roça de seus pais.

Bewane planta maniva, capina a roça e colhe a mandioca que transporta em sacos nas costas de cavalo para trazer até às margens do Rio Guamá onde prende os sacos cheios de mandioca em troncos de árvores para que não desçam o rio e mais tarde, quando estiverem moles sejam levadas para a casa de farinha comunitária para serem transformadas em farinha, alimento básico e imprescindível para todos os indígenas Tembê. Inimaginável um índio daquela região fazer qualquer refeição sem farinha, não há notícias de que fato tão inusitado tenha ocorrido por ali. Bewane também já é um falante da língua Tembê. Canta e muito bem as cantorias compostas por Chico Rico. Mora na aldeia SEDE, seu pai é um índio irmão do cacique Naldo Tembê e sua mãe está a concluir o curso de técnica em enfermagem na cidade de Capanema. Bew,

como é conhecido recebeu um nome que não é Tembé, é WANAMPI, e significa o número sete. É um grande guerreiro Tembé.

## **TAHIL**

Tahil (Tarril) Tembé é um guerreiro, hábil com as canoas e com as flechas. Tem 17 anos e já participou de diversas “missões” com os Tembé de outras aldeias. Missões são incursões feitas pelos guerreiros Tembé quando vão confrontar-se com invasores. Apresentam-se pintados e armados. Estão indo para a guerra. Tahil também possui a sensibilidade necessária para a construção de arcos e flechas. Estuda com Chico Rico na aldeia ITAPUTYR. Já fala alguma coisa em Tembé e canta juntamente com Bewane nas festas da aldeia SEDE. Tahil conhece toda a TIARG, foi nosso guia quando fomos para a aldeia ITWAÇU e nos levou até uma das maravilhas do Rio Guamá a cachoeira da Pedra Grande que dá nome a aldeia.

Tahil conhece bem as árvores da floresta. Tirou a casca de uma delas e nos deu para cheirar, era chamada e tinha o cheiro de vick vaporub. Conseguia ver e ouvir os macacos em árvores de cinquenta metros de altura. Mostrou-nos e com grande esforço consegui ver um pequeno e negro macaco soim a pular nos galhos das copas das árvores. Tahil é conhecido em todas as aldeias, faz parte do movimento dos jovens que se reúnem na aldeia SÃO PEDRO e ajuda na roça de seus pais. Gosta de pescar usando as flechas para fisgar os peixes. Fica atento para evitar que não índios venham visorar no Rio Guamá. Quando isso acontece os Tembé confiscam todos os equipamentos dos invasores. Tahil gosta de cantar o Caê Caê.

## **ZENGAR (DENGARE)**

Nessa noite, vários jovens e crianças estavam pintados e arrumados para pular o caê caê. A orquestra estava formada por Beware, Tahil e mais três meninos, todos tocavam os maracás, marcavam o ritmo batendo fortemente o pé direito no chão e cantavam cantigas compostas por Chico Rico e que faziam alusão aos bichos e



acontecimentos na floresta, como aquela canção que falava do pica-pau bicando o pau e cujo barulho fazia os índios imaginarem que havia alguém construindo uma canoa. A festa acontecia no barracão de reuniões da aldeia SEDE, uma casa aberta, coberta de telhas de cimento, tipo brasilit e que tinha um palco e um bar. As cadeiras para sentar no salão eram carteiras escolares de madeira.

A música fluía, algumas pessoas no salão cantavam junto com a orquestra e casais ou duplas de meninas e de moças pulam o caê caê pelo salão. E foi assim durante uma hora de festa, quando por puro cansaço físico nosso e dos músicos terminamos o caê caê. Em dias normais de festa o caê caê é cantado e dançado por toda a noite e só termina quando o dia amanhece ou quando acaba a bebida típica dos Tembé denominada de cassiri ou caxiri, que é feita usando-se beiju de farinha, garapa de cana e alguns elementos retirados do mel de abelhas que os Tembé produzem. A bebida fermenta e apresenta um teor alcoólico bastante alto, segundo informações de quem já bebeu. Não conhecemos nem provamos o cassiri.

## **ÚLTIMO DIA NA ALDEIA SEDE**

### **DIA 29 DE NOVEMBRO**

De manhã bem cedo estávamos arrumados para seguir até a aldeia YPIDHÕ para falar com cacique, o que não foi possível no dia anterior. Estávamos com todas as nossas coisas no nosso carro porque neste dia mudaríamos de polo vamos passar alguns dias morando na aldeia SÃO PEDRO. Despedimo-nos e agradecemos o apoio dado a nós pelo cacique Naldo Tembé e rumamos para YPIDHÕ. A enfermeira da aldeia SEDE foi conosco, pois, precisava cumprir uma programação na aldeia.

Deixamos de vez a aldeia SEDE. Ao chegarmos na entrada da aldeia, nos colchetes da fazenda que dá acesso a YPIDHÕ, encontramos o filho do cacique Chico Tembé. O mesmo informou que seu pai estava na cidade de Capitão Poço naquele dia de domingo e que não havia ninguém na aldeia. Consegui via telefone celular falar com seu pai que indicou o local onde se encontrava em Capitão Poço e que nos esperaria para conversar. Rumamos para Capitão Poço e já por volta de meio dia encontramos o

cacique Chico Temb . Conversamos com ele na rua, em uma calçada que apresentava uma sombra protetora. O cacique foi muito educado e se dispôs a responder todas as perguntas feitas a ele.

A enfermeira ficou em Capitão Poço. Após a entrevista fomos almoçar em um restaurante no centro da cidade, na praça perto da Prefeitura Municipal. Comemos com muito bom gosto um churrasco regado a cerveja bem gelada, um luxo para quem esteve comendo carne e sardinhas enlatadas. Após o almoço, fizemos compras de mantimentos que estavam faltando e seguimos para a aldeia SÃO PEDRO. Para se chegar lá teríamos que tomar uma estrada diferente daquela que até então tínhamos trafegado. Teríamos que passar pelo igarapé gasolina, ainda em Capitão Poço, seguir a esquerda sempre entre as fazendas até a margem do Rio Guamá.

Seguimos pela estrada de terra mal conservada, sempre entre fazendas. Quase nada de florestas, apenas pequenas ilhas esparsas e raras, vistas ao longe. Passamos por uma fazenda com uma grande área reflorestada com árvores para se obter madeira de lei, já de porte respeitável. Começamos a ver de longe a mata ciliar do Rio Guamá. Para acessarmos a margem do Guamá e chegarmos a aldeia SÃO PEDRO temos de passar pelo interior de uma fazenda, ou seja, desta vez abrir e fechar não dois colchetes e sim duas porteiros. O surpreendente é que ao chegarmos à primeira porteira encontramos um menino em cima da cerca. Ele estava sempre ali e abria e fechava a porteira para os passantes e recebia moedas ou presentinhos em troca pelo serviço prestado.

Ao longe se avistava a aldeia, estava situada no ponto mais alto da margem do rio Guamá, algo em torno de vinte metros de altura. A margem se apresentava sem a mata ciliar, completamente retirada, pois ali era área de fazenda e a floresta foi derrubada para a formação de pasto.

## ALDEIA SÃO PEDRO



**Rio Guamá visto desde a Aldeia SAO PEDRO**

Com certeza o lugar mais bonito da TIARG do Alto Rio Guamá. Sentar no banco de madeira na aldeia, e ver o rio do alto é, sem dúvida alguma, contemplar uma paisagem deslumbrante, inesquecível que por si só já valeria uma viagem para aquela região. O que se vê são praias de areia branca formando várias coroas que penetram em águas verde-azuladas. Essas praias são molduradas por verde escuro das árvores nas ilhas no meio do rio. Jovens e crianças brincam e nadam no Guamá, com toda a liberdade que os cerca. Nenhum adulto vigia as crianças, mesmo os mais pequeninos. Vi também ali vôlei praticado dentro d'água por rapazes e moças. A rede estava presa a postes dentro do rio. Algo novo e interessante que bem poderia ser adicionada aos próximos jogos indígenas.

Koakrai é o cacique da aldeia, um jovem de 24 anos de nome Koakrai Oliveira Tembé, conhecido popularmente como MOENDA. Na língua Tembé, Koakrai significa “Casca de pau”.

A aldeia é moderna, construída em volta de um campo de futebol de terreno irregular, ficando um dos cantos do campo em uma pequena ladeira. Possui luz elétrica direta, levada pelo programa luz para todos e operado pela Rede Celpa. Não há iluminação pública, alguns moradores instalaram uma lâmpada na frente de suas casas. A água chega a todas as residências, é tratada e retirada de um poço artesiano construído pela FUNASA com caixa d'água para 10.000 litros, a água é tratada e operada pelo AISAM de nome Israel Tembé que já fora cacique da aldeia. Também, aqui neste mês de dezembro se faz racionamento da água. Um pouco pela manhã e outra pequena quantidade à noitinha. E a aldeia fica às margens do Rio Guamá. A água é gratuita, a energia elétrica não.



**Centro da Aldeia SÃO PEDRO**

A aldeia é o polo da associação ADATARGMA que é presidida por Sandro Tembé, aluno do terceiro ano da escola de ensino médio da aldeia e que fará vestibular para engenharia ambiental pela Universidade Federal do Pará (UFPA) dentro das cotas para indígenas implantadas neste ano de 2009. ADATARGMA – Associação das Aldeias Tembé do Triângulo do Alto Rio Guamá. Fazem parte desta associação, além da aldeia SÃO PEDRO, as aldeias PIRÁ, JAKARÉ, MURYCITY ou MURUCITU e Y'TAWA.

A aldeia conta com um posto médico onde mora e atua um técnico em enfermagem que passa vinte dias na aldeia, folga dez dias e é substituído por outro técnico. Um

enfermeiro visita regularmente a aldeia. Os casos graves e as consultas médicas são direcionados para a cidade de Capitão Poço. Há também um barracão aberto, entre um pequeno bosque e a margem do campo de futebol que serve para todos os tipos de encontro, e também para as festas da aldeia.

A Escola de Ensino Fundamental e Médio da aldeia é sem sombra de dúvida, belíssima e muito bem construída, com telhas de barro e ventiladas, toda decorada com motivos indígenas, construída pela Secretaria de Estado de educação (SEDUC) na administração do governador Almir Gabriel. Os professores são contratados e pagos pela SEDUC. A escola ainda é um anexo da escola estadual de Capitão Poço, mas estão finalizando o seu PPP (Planejamento Político Pedagógico) buscando a autonomia e colocando em prática um currículo diferenciado para o ensino indígena. Os professores moram em um prédio de madeira onde funcionava a antiga escola da aldeia. As acomodações não são muito boas, e eles esperam a construção de um alojamento mais adequado, para que possam trabalhar e ficar a semana toda na aldeia SÃO PEDRO.



**Escola na Aldeia SÃO PEDRO**

Na aldeia cria-se gado, o vaqueiro e tratador é o índio Marcelo Tembê. Ele toma conta do gado pertencente a uma associação de adultos. Tem pasto cercado e curral para os

bois. Os jovens também tinham uma associação e gado, porém por problemas internos resolveram terminar a associação e vender o gado. Pela aldeia passeia um catitu (porco selvagem) domesticado. Também há um macaco que fica preso a uma corrente na sua casinha. Um trator de esteira é mantido e operado pelo cacique Koakrai para as atividades da aldeia. Esse trator foi confiscado dos madeireiros invasores das terras indígenas. Com ele são construídas barragens, açudes e estradas.

Chegar a SÃO PEDRO é ter uma visão estonteante do local. Na margem oposta a TIARG, onde ficam os carros, nos deparamos com uma praia de areias muito brancas e um rio nesta época do ano com águas esverdeadas e transparentes. Para se fazer a travessia do Rio Guamá existe um cabo de nylon amarrado em uma árvore de cada lado. Não é necessário remar, basta entrar na canoa e puxar pela corda para atravessar nos dois sentidos. Enchemos a canoa com nossos pertences e atravessamos o Rio Guamá. Para chegar até a aldeia há duas opções: uma rampa construída com o trator de esteira por onde sobem as motos e bicicletas e uma escadaria de cimento ladeada por um corrimão de ferro, ambas muito íngremes e difíceis de subir. Qualquer das escolhas nos custaria um esforço tremendo.

Com minha mochila de viagem às costas, sacola contendo equipamento eletrônico, e mais outra mochila com materiais diversos, optei em subir pela escada. Gastei um tempo razoável para conseguir puxar-me para cima. Ainda bem que a sabedoria Tembé é sempre surpreendentemente prazerosa. Logo que chegamos ao alto, ou seja, colocamos o pé na aldeia, nos deparamos com um banco corrido de madeira em baixo das árvores frondosas que nos recebe como parada obrigatória, e bem ali ao lado permanentemente atada, está uma rede que acredito agora servir para o descanso de pessoas que subiram a ladeira e chegaram ao cimo muito cansados, pudera. Sentei-me naquele banco, por longos minutos, ofegante para poder tornar à vida. Minha visão tinha escurecido por completo devido ao tremendo esforço da subida. Ainda tentei deitar na rede, mas ela estava ocupada por uma indiazinha simpática que brincava com um macaco. Voltei à vida e olhei para baixo. A paisagem deslumbrante me fez sorrir e saber que todo o sacrifício foi recompensado totalmente. É algo inimaginável. Tremendamente belo o Guamá com suas pequenas e alvas praias.

O cacique Koakrai havia determinado que nós ficaríamos hospedados no posto de saúde. Dirigimo-nos para lá com nossa bagagem. Era uma casa tipo chalé, coberto com telhas brasilit, localizada às margens do campo de futebol, aliás, quase tudo ali fica às margens do campo de futebol que é a região mais central da aldeia. Tinha uma pequena sala de recepções, um almoxarifado onde deixamos nossos mantimentos e outros pertences. Juliana e Weleda ficaram instaladas no quarto juntamente com a técnica de enfermagem Angélica que ali começara a trabalhar há apenas quatro dias. Eu e Raimar, o motorista do grupo, ocupamos uma sala onde havia duas camas para pacientes que precisavam permanecer mais tempo. Atamos nossas redes e deixamos nossas coisas. O posto dispunha também de um banheiro usado nessa época pelos professores, já que o deles estava com problemas, e uma pequena cozinha equipada com fogão a gás, geladeira e uma pequena mesa para as refeições. A porta da cozinha para o lado de fora estava fechada e não abria porque um dos funcionários perdeu as chaves.

Raimar já estivera antes na aldeia e conhecia várias pessoas. Arranjou nosso almoço na casa de Dona Maria, esposa do ex-cacique Jorge Tembé. Dona Maria tem três netas muito bonitas, Minuí, Nimuí e Nanaí. A mãe das meninas é Apuira Tembé que atualmente exerce a função de Coordenadora de Educação Indígena (CEIND) da SEDUC. A casa de dona Maria é ampla coberta de cavaco com área coberta e aberta que servia de cozinha e sala de refeições. Comemos bem as nossas sempre presentes carnes em conserva e macarrão. Tivemos a companhia de dona Maria, seu Jorge Tembé, uma curica (papagaio) faladora, muitos cachorros e gatos. Dona Maria não é índia, é uma nordestina que morava em Belém e casou-se com seu Jorge Tembé. A casa fica um pouco mais afastada do centro da aldeia. Voltamos para nosso alojamento. Conversamos com o cacique Koakrai que nos deu as boas vindas e marcamos uma reunião com ele e os habitantes da aldeia para as oito da noite no barracão de reuniões.

Chegamos a SÃO PEDRO em um domingo à tarde. Nesse dia assisti a uma partida de futebol, no campo em frente a nossa casa. O time da aldeia era o União Tembé que recebia uma equipe de uma pequena vila do município de Santa Luzia do Pará. O jogo foi muito animado, com torcedores que vieram com a equipe visitante, e entusiasmados incentivadores da equipe local. O União Tembé venceu por três a um.



O árbitro do jogo era local. Alguns fatos me chamaram a atenção: o goleiro do União Tembé era o cacique Koakrai, o melhor jogador do time no meio do campo era o presidente da associação (AGITARGMA), Sandro Tembé e debaixo daquele sol e do calor que beirava os 40° C, todos os atletas do União Tembé envergavam um vistoso uniforme branco e vermelho. Todos de mangas compridas.

Logo que terminou a pejeja, a equipe visitante despediu-se e viajou de volta para a sua vila. Os vencedores eram festejados entusiasticamente pelos torcedores locais. Assim que o jogo encerrou, os habitantes da aldeia começaram a expressar preocupação com a nuvem de fumaça que crescia não muito distante por sobre a floresta, na direção leste. Koakrai me falou que não ficaria para a reunião, pois um fogo se alastrava pela floresta e ameaçava o local onde ficavam as caixas com as abelhas dos apicultores da aldeia. Teriam de ir todos os que pudessem ajudar a combater o foco de incêndio. O cacique iria pilotando o trator de esteira para fazer um aceiro (limpar o terreno em um local que deveria passar o fogo) para impedir a propagação do fogo. O trator estava sem bateria. Israel emprestou uma e resolveu o problema. Muitos homens e jovens se dirigiram para o local. Já se podia ver a altura das chamas a partir da aldeia e os rolos de fumaça negra se destacavam ao longe. Cada um levava o que dispunha: terçado, enxada, baldes para carregar água, etc.

O fogo estava a cerca de 2 km da aldeia. Também fui ver de perto. As labaredas queimavam com todo vigor. Como as folhas secas se amontoavam pelo chão há muito sem receber água da chuva, serviam como combustível acesos com as faíscas que voavam dos troncos em chamas, pareciam fogos de artifícios destes utilizados nas festas religiosas no interior. O calor estava insuportável. Lá por volta de onze horas da noite os Tembé, comandados pelo cacique Koakrai conseguiram controlar o fogo e retornaram para a aldeia. Só depois disso tudo é que conseguimos dormir. Pela manhã Koakrai e Sandro Tembé partirão para Belém onde terão reunião na FUNAI para tratar de assuntos relativos à aldeia, não poderão participar da reunião que acontecerá na Escola de Ensino Fundamental e Médio. Essa reunião será presidida pelo ex-cacique Israel Tembé.



## **DIA 30 DE NOVEMBRO**

Nesta segunda-feira acordei bem cedo para ver e sentir o despertar da aldeia SÃO PEDRO. O dia foi trazendo sua claridade bem devagarzinho. Algumas pessoas começavam a se movimentar pela aldeia. Mesmo com um friozinho agradável, parece que é costume por aqui os homens não usarem camisa, preferem andar apenas de bermuda ou calça comprida. A partir das 6 horas da manhã é que ouvi melodias tocando nos rádios sintonizados nas emissoras da cidade de Garrafão do Norte. Predomínio do gênero musical denominado de sertanejo.

Israel Tembé foi ligar o motor para acionar a bomba para encher a caixa d'água depois das sete horas da manhã. Ligou por mais ou menos 30 minutos. Ali também, mesmo a aldeia estando situada às margens do Rio Guamá, o poço artesiano estava com pouca água. O racionamento se fazia presente nessa aldeia. Tanto é que as mulheres desciam com trouxas de roupas e utensílios domésticos para serem lavados lá em baixo às margens do rio. O posto de saúde possui um conjunto de placas fotovoltaicas que anteriormente eram usadas para gerar energia a ser acumulada em baterias localizadas no interior do posto de saúde. A energia alimentava uma geladeira que servia para armazenar o estoque de vacinas a serem usadas na aldeia. Atualmente as placas estão desativadas. A energia elétrica direta é quem faz funcionar a geladeira.

A casa do cacique Koakrai fica logo ao lado do posto de saúde. É uma casa aparentemente de enchimento, coberta com cavacos, baixa e construída na forma costumeira dos Tembé: uma casa de quatro águas. A casa tem um pequeno pátio e um jirau. O trator de esteiras fica estacionado logo atrás da casa. Um pouco mais para o lado, há uma cerca metálica com um conjunto de antena parabólica de aspecto sólido parecido com antena utilizada para a transmissão de dados usados pela Embratel e placas fotovoltaicas que gerariam energia para manter o sistema. Essas instalações pertencem ao Sistema de Vigilância da Amazônia (SIVAM), cujos computadores e baterias para acumulação de energia estavam guardadas no interior da casa do cacique. Havia também um telefone que era usado para a comunicação com o SIVAM e eventualmente usado para outras finalidades. Ao que parece esse sistema está atualmente em desuso.

Fomos para a escola participar da reunião. Pessoas iam chegando e ocupando um lugar em uma das salas de aula colocadas a nossa disposição. Para nossa surpresa tanto o cacique Koakrai quanto a liderança Sandro Temb  estavam na escola. A FUNAI não mandou um carro para levar os dois para Belém. Melhor para todos.

Na reunião, para saber o que nós estávamos a fazer na aldeia participaram além do cacique Koakrai e Sandro Temb , Dona Dedé, liderança da aldeia MURUCYTU representando a cacique Sueli Temb  que não pode vir. Também estava presente a liderança Concei o Temb  esposa do cacique Santana Temb  da aldeia Y'TAWA a mais distante de SÃO PEDRO, cerca de dez quilômetros. Ali também se encontrava Catito Temb  cacique da aldeia PIRÁ e Neto Temb  cacique da aldeia JAKARÉ. Também compareceu Sebastião Temb , pai do cacique Koakrai. Portanto todas as aldeias filiadas a AGITARGMA ali compareceram. Prestigiaram a reunião, os ex-caciques Israel Temb  e Jorge Temb .

Juliana e Weleda falaram sobre o projeto do SIPHAN para o qual trabalhavam e eu falei sobre a minha presença ali em razão da minha pesquisa de doutoramento sobre a participa o dos Temb  na era dos créditos de carbono. Parece que não perceberam muito bem o que eu fazia ali. Mas gravaram que eu era professor na Universidade Federal do Pará (UFPA), isso bastava para eles. A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio onde reunimos era uma escola muito bem construída, nova com amplas salas de aula e bem cuidada. Padrão das escolas construídas pela SEDUC no governo Almir Gabriel, tinham tijolos vazados e paredes que não chegavam até em cima, facilitando a circula o do ar tornando a temperatura interna bem agradável. Coberta com telhas de barro. O que mais impressionava quem a via pela primeira vez eram os desenhos nas paredes, nas colunas, sobre as portas e dentro das salas de aula de elementos da fauna, da flora e dos costumes Temb . Como exemplo a pintura corporal dos Temb . Ao lado da escola, situada no terreno cercado da escola fica uma igrejinha católica onde acontecem as atividades e festividades religiosas.

Nesse dia conversamos com Sandro Temb  a respeito da funda o e gerenciamento da AGITARGMA, seus projetos atuais e futuros. Soubemos então sobre a proposta de fundar aldeias para ocupar o espaço dos Temb  e consolidar bases avançadas de vigilância em todo o território da TIARG. Também conversamos com o ex-cacique

Jorge Temb , que contou sua vida na tribo, sua ida e morada em Belém, assim como sua volta para a aldeia e seu período de comando como cacique. Depois do almoço resolvi andar pela aldeia para conhecê-la melhor. Havia uma estrada que passa ao lado da escola. Resolvi caminhar por ela. Debaixo de uma árvore, próximo a um  caizal havia um tronco sendo talhado para a constru o de uma canoa.

Decidi enveredar pelo caminho que levava até a aldeia MURUCYTU. No começo enfrentei uma pequena subida de uma área com pastagem. Quando atingi o alto da ladeira descortinou-se uma vista deslumbrante, em baixo estava o vale do Rio Guamá, com o rio serpenteando entre as árvores da margem. Para continuar teria que descer por uma encosta íngreme, tão íngreme que se não tivesse muito cuidado rolaria ladeira abaixo. Ao chegar em baixo penetrei em um bosque por onde se atravessava o leito seco de um igarapé que quando cheio de água contribuía para o aumento do nível do Guamá. Sempre margeando o grande Rio, segui até chegar a uma cerca onde ficava a aldeia MURUCYTU. Pequena, com seis casas e uma caixa d'água predominante, dizendo que ali também as casas possuíam água encanada. Fui até o porto na beira do rio onde algumas meninas remavam e pilotavam uma pequena canoa de madeira enquanto um garoto mais velho se esmerava na rede de tarrafiar, a tarrafa.

Outras crianças vieram lavar louça na margem do rio. Conversei com um homem da aldeia que me falou que dona Dedé e a Cacique Sueli Temb  não estavam. Falei que voltaria no dia seguinte para conversar com elas. Despedi-me e voltei já   tardinha para a aldeia SÃO PEDRO. As crianças ainda continuavam a pescar no rio.

## **CONVERSANDO EM SÃO PEDRO**

  noite, na aldeia, é o melhor momento para se conversar.   verdade que alguns indígenas, como Israel Temb  fazem críticas severas contra a chegada da energia elétrica. Suas mulheres ficaram mais preguiçosas, pois não precisam mais cuidar das lamparinas, basta apertarem em um botão para acender a luz, por que cuidar das lamparinas? Jorge Temb  reclama também da chegada da energia elétrica direta, não sobrou mais tempo para as longas conversas, sentados em frente da casa, as novelas levaram esse tempo. Reclama também da solidariedade estragada pela luz elétrica.

Tempos atrás, quando um Tembê matava um veado, por exemplo, repartia a carne com todos os habitantes da aldeia, agora quem mata uma caça nem fala sobre o assunto, guarda tudo em sua geladeira para comer sozinho. São costumes novos, que ameaçam matar as tradições.

### **ANTIGA ALDEIA SÃO JOSÉ**

Antes de 1945, data da homologação da TIARG pelo governador do Pará, General Magalhães Barata, os aldeamentos dos índios Tembê ficavam do lado esquerdo do Rio Guamá. O maior deles era a aldeia SÃO JOSÉ, situada um pouco mais abaixo da atual aldeia SEDE. Com a regularização, as terras do lado esquerdo foram destinadas aos Aguiar (de acordo com os Tembê) enquanto que as terras do lado direito do rio passaram a ser propriedade dos Tembê, que com o apoio da FUNAI, foram reunidos ao redor da sede do posto onde hoje está localizada a aldeia SEDE, daí o seu nome. A partir dessa iniciativa as demais aldeias foram sendo criadas. Em SÃO PEDRO faleceu Manoel Padeiro, o Tembê com a idade mais avançada que se tem notícias por estas bandas, 124 anos.

### **HISTÓRIAS DE PAJÉ**

A mais famosa é Dona Hilda, que mora para os lados da aldeia PIRÁ. Enquanto que o Zé Loca é o pajé da aldeia ITAPUTYR. Damiana, uma não índia que mora em uma casa um pouco mais afastada do núcleo da aldeia SÃO PEDRO, também pratica a pajelança. Damiana foi casada com um índio Munduruku de nome Germano que morreu recentemente afogado nas águas do Guamá em frente à aldeia. Germano teria chegado à aldeia ainda pequeno, transferido pela FUNAI, porque matou seu tio em sua aldeia e corria perigo de ser morto também. Era comum a FUNAI transferir para aldeias distantes e de outras etnias, índios com problemas de relacionamento nas suas aldeias de origem. O caso relativo a pajelança mais comentado e bem recente é sobre o menino Deri, filho da senhora Alcione que mora para os lados da aldeia JAKARÉ. Deri foi levado de sua casa pela Mãe d'água, passou horas desaparecido e foi encontrado às margens de um pequeno igarapé, sem lembrar de nada do que lhe aconteceu. Deri que tem entre 6 e 7 anos deverá ser preparado para ser pajé. O rapto pela mãe d'água é o indício mais forte de pajelança.

Por estas paragens, apenas uma mulher exerce a função de cacique ou capitoa, é a Dona Sueli Tembé, da aldeia MURUCYTU. No Gurupi Dona Verônika Tembé é a capitoa da aldeia TEKOHAW.

## **MURUCYTU**

### **DIA 01 DE DEZEMBRO**



**Na Aldeia MURUCYTU**

Lugar com grande quantidade de muruci, uma fruta pequena que quando madura é de cor amarelada e muito ácida com um cheiro forte, agradável e inconfundível e dá um suco muito refrescante. Aldeia com mais de quarenta anos, atualmente com cinco famílias habitando o local enquanto esperam a transferência de mais três famílias que virão das bandas do Rio Gurupi, cujas casas já estão a ser construídas, e quando todos estiverem morando na aldeia a população deverá ser de 30 pessoas. Os primeiros habitantes vieram do outro lado do Rio Guamá, moravam na aldeia SÃO JOSÉ, e em 1945 transferiram-se para MURUCYTU. Primeira aldeia da região a ter um poço artesiano com caixa d'água movido a motor a óleo diesel. Seu poço ainda funciona do mesmo modo, pois mesmo a pouco mais de duzentos metros da linha que trás energia para a aldeia SÃO PEDRO, a aldeia MURUCYTU não possui energia elétrica direta.

As casas estão dispostas em forma de círculo, com o poço artesiano com a caixa d'água no centro.

Dona Sueli Tembé é a cacique da aldeia e a senhora Maria Delfina, a Dona Dedé, a liderança local. Na sala de uma das casas da aldeia funciona uma escola multiseriada, que na verdade é uma sala de aula da escola da aldeia SÃO PEDRO, que funciona com 09 alunos. O professor Erison é graduando em Pedagogia e mora na cidade de Capitão Poço. Nessa manhã o professor Erison suspendeu as aulas e tanto as crianças quanto dona Dedé estavam com os rostos e o corpo pintados, além de adereços nos braço e na cabeça. Dona Dedé nos recebeu, é ela quem fala e representa a aldeia em eventos. A cacique Sueli Tembé não se encontrava na aldeia. Sentamos no pátio da casa de dona Dedé, enquanto ela e as crianças ocuparam um banco de madeira, maior. As crianças estavam alegres e animadas.

#### **Dona DEDÉ, líder da Aldeia**

Dona Dedé é parteira e “pegou” muitas crianças nas redondezas. Sabe fazer remédios com ervas e faz parte do movimento das mulheres indígenas, já tendo participado, com destaque, em vários eventos nacionais. Um desses encontros foi registrado pela revista Mensageiro, nº 162 de Março/Abril de 2007, que estampa uma foto grande e bonita de Dona Dedé Tembé. No final, as crianças cantaram e dançaram o caê caê no terreiro da aldeia debaixo de um bacurizeiro. Dançaram tão entusiasmamente que a poeira levantava. O mais bonito e importante disso tudo é que as crianças falam algumas palavras e frases na língua Tembé. Tudo isso é resultado do trabalho e do esforço de Dona Dedé. O professor Erison também estimula a confecção de instrumentos de trabalho diário dos Tembé como: tipiti ou pocoró, peneiras e adereços diversos. A sala de aula exhibe alguns desses artefatos.

#### **ANTES DE IR DE NOVO**

Voltamos para SÃO PEDRO, Dona Maria tinha preparado um prato especial para nosso almoço naquele dia: capivara assada no forno. Uma delícia. Para a aldeia PIRÁ e aldeia JAKARÉ não há ainda uma estrada, existe um caminho para ser percorrido a pé. Pode-se usar bicicleta ou moto, desde que se tenha uma habilidade especial. O

cacique Koakrai conseguiu três motos para nós: uma pilotada pelo nosso motorista Raimar, que levava Juliana na garupa, Kalango um Tembé da aldeia SÃO PEDRO, moto taxista e pai das irmãs Nimuí, Munuí e Nanaí levava Weleda, enquanto eu fui conduzido na moto pilotada por João, um piauiense que trabalhava inicialmente em uma fazenda da região e que se casou com a filha do cacique Santana da aldeia Y'TAWA. Mora e trabalha na aldeia SÃO PEDRO.

Seguimos com nosso equipamento acondicionado em mochilas e nos aventuramos naquele rali pelos caminhos tortuosos, serpenteando por debaixo das árvores que formavam a floresta dessas paragens do Rio Guamá. Às proximidades da aldeia JAKARÉ, passamos por uma casa de farinha onde trabalhava um casal, ele era Raimundo Ciro e Dona Maria, pais do cacique Neto Tembé da aldeia JAKARÉ. Seguimos viagem, com o nosso trajeto cada vez mais difícil. Nova parada, uma ladeira íngreme com encosta cheia de obstáculos forçou nossa descida das motos. Era o leito seco e cheio de árvores caídas do igarapé São Pedro. Os pilotos tiveram de conduzir suas motos empurrando uma a uma.

## **PIRÁ**



**Aldeia PIRÁ**

Diversos caminhos se cruzavam nesta parte da floresta. Um dos caminhos levava diretamente para a aldeia SEDE, próxima dali cerca de três quilômetros. Um outro igarapé sem água nos separava da aldeia PIRÁ. Atravessamos outro leito seco do rio, andando, até chegar à aldeia. Bem pequena. Poucas casas. Destacava-se a escola e a caixa d'água. As casas tinham água encanada e tratada. Há também um posto médico. A casa do cacique Catito Tembé (Claudio Sarmento dos Santos) era de madeira, ampla e nova.

A antiga casa do cacique, hoje depósito da colheita dos produtos das roças, de equipamentos e de mercadorias, abrigava uma pequena sala de aula, onde o professor de história ministrava aula para duas alunas, a esposa e a filha do cacique que dividiam o espaço com sacos de cereais depositados ali. Mas a aula de ensino médio se desenvolvia com bastante entusiasmo. O professor gentilmente interrompeu sua aula e nos recebeu. Explicamos a eles o que fazíamos ali e saímos para conhecer a aldeia. O cacique havia saído para queimar seu roçado, bem próximo da aldeia. Não era difícil de saber onde estava acontecendo a queimada. Rolos de fumaça subiam por sobre as árvores ali em frente, para os lados do igarapé seco. Um emissário foi enviado para avisá-lo. Esperamos.

Catito Tembé chegou suado e cansado pelo esforço feito. Vestido com calças compridas e botas de borracha, camisas de mangas compridas e chapéu para proteger-se do calor do fogo e do sol. Fomos a sua casa e conversamos longamente. O cacique foi muito gentil conosco. Foi na aldeia PIRÁ que fui apresentado para uma das mais temidas peças de guerra dos Tembé, a borduna. Um artefato de madeira, feito de uma árvore chamada jarana, escura, dura e pesada, com uma escavação leve para que a mão que a segure não escorregue quando em combate. Deixamos PIRÁ e rumamos para a aldeia JAKARÉ, voltando no sentido da aldeia SÃO PEDRO. Passamos outra vez pelo igarapé São Pedro, onde o ritual de empurrar as motos aconteceu desta vez ladeira acima. Tomamos um caminho diferente daquele que pelo qual chegamos.



## YATAYTÉ TUÁ



YATAYTÉ TUA

Antes de irmos para a aldeia JAKARÉ, desviamos por um caminho que nos levou até o lugar denominado TATAYTÉ TUÁ, que está pleiteando o posto de aldeia, mas ainda não está reconhecido. A liderança local é Carueté Tembé (Alexandre Farias Tembé). Esse local é famoso porque ali em uma casa coberta com cavaco, uma cozinha paramentada com cortinas de chita multicolorida, portas de pano bem alegres e vistosas, e tendo no alto, quase junto ao teto, guardados, vários maços de varas finas e brancas de malva que eu conheço com o nome de varas de achima. Nessa casa habita Dona Hilda Tembé. Contrastando com o fogão a gás e o jirau, chamava atenção de maneira peculiar a quantidade de lamparinas de vidro com suporte de lata multicolor e pavios bem salientes sobre o pequeno armário. Essas lamparinas nos falavam que por ali, na casa de Dona Hilda Tembé a pajé mais famosa da região do Rio Guamá, a energia elétrica ainda não havia chegado. Mas aquela casa na margem do açude onde se criavam peixes e jacarés e aquele lugar transbordavam de outras forças. Forças que nos apequenavam e nos confundiam. Todos os deuses da floresta nos espreitavam.

## **HILDA TEMBÉ**

Fiquei boquiaberto com aquela figura pequena, magra e morena com os cabelos molhados que surgiu por entre os açazeiros. Parece que tinha vindo do banho. Mas nada me convence de que estava a ser aconselhada por seus caruanas a conversar conosco em uma linguagem altamente metafórica. Cujo alcance só seria possível aos iniciados ou a quem de alguma forma estivesse disposto a ouvir Dona Hilda falar da sua vida, mas cuja interpretação estava condicionada a ser feita com o coração e não com a razão.

Conversamos por algum tempo, sentados diante da casa de seu filho Alexandre Tembé, do outro lado do açude. Disse-nos que recebeu um dom. Dom de cuidar do povo. Que foi herdado de sua avó. Foi parteira por longos anos e que agora não mais exercia esse ofício por encontrar barreiras impeditivas com os agentes de saúde da FUNASA que atuavam no local. Perdeu as contas de quantas crianças “aparou” na região. Falou o que quis. Respondeu nossas perguntas sempre de forma evasiva e metafórica. Quando não quis mais falar, simplesmente parou, levantou-se e foi embora.

Passamos então a conversar com Carueté Tembé (Alexandre) que nos falou que ali já moravam três famílias e que estavam lutando para o reconhecimento da aldeia por parte da FUNAI. Falou da expectativa da melhoria de vida, pois ainda não tinham luz elétrica nem poço artesiano com caixa d’água. Possuíam uma casa de farinha manual e coletiva onde faziam sua farinha com a mandioca plantada em suas roças.

Antes de sair, me dirigi a Dona Hilda Tembé e pedi a ela, sem que ninguém percebesse, para que benzesse uma imagem de São Benedito feita em chumbo que carregou comigo há muitos anos, desde quando exercia a Coordenação do Campus da UFPA em Cametá, e que me foi presenteado por Solange Valente, uma devota. Dona Hilda aceitou, deixou o grupo e entrou na sua casa. Já de saída, fui a sua cozinha e recebi de volta o meu São Benedito envolto em um pequeno plástico azul, com um perfume de ervas maravilhoso. Dei-lhe um pequeno agrado, recebi e guardei meu santinho que continua a andar comigo. Espero voltar, rever, conversar e aprender com Dona Hilda Tembé.

## JAKARÉ



**Aldeia JAKARÉ**

Os caminhos tortos e estreitos nos levaram a aldeia JAKARÉ situada em um lugar maravilhoso às margens do Rio Guamá, bem abaixo da aldeia SÃO PEDRO. A aldeia tinha sua escola, pequena, com duas salas de aula e um local onde os professores que lá trabalhavam faziam suas refeições e dormiam. Naquele mesmo local também funcionava o posto de saúde com um técnico em enfermagem permanente. Logo às margens do rio pela frente da escola ficava um curral onde o gado era preso para passar a noite. Caminhando um pouco chegamos ao pequeno porto de JAKARÉ onde mais acima em um igarapé seco estava ancorada uma embarcação de madeira, sem motor, portanto, sem funcionar.

Ao entrarmos na aldeia fomos saudados por um senhor que estava no fundo do quintal de uma casa grande e verde, onde chamava a atenção o piso da sala de cimento pintado e muito bem encerado. O piso brilhava de tão limpo. Era Raimundo Ciro, um homem atarracado e pequeno, pai do cacique Neto Tembé, que naquele momento estava fora da aldeia. Seu Raimundo Ciro era a liderança local e falava pela aldeia na ausência do filho, casado com dona Maria Tembé, filha de dona Hilda Tembé. Raimundo nasceu no município de Bragança, aonde não ia fazia muitos anos. Mudou-se para os lados de Garrafão do Norte e depois para a TIARG, onde se casou com Dona Maria Tembé e fundou a aldeia, há mais de 40 anos.

A aldeia não tinha ainda luz elétrica direta, mas possuía poço artesiano com caixa d'água. As casas das 05 famílias tinham água encanada. Viviam de roças, criavam um pouco de gado, galinhas e porcos e eventualmente caçavam nas matas próximas e pescavam no Rio Guamá. A casa do cacique ficava um pouco afastada da residência dos pais e era coberta de cavaco. O motor que acionava a bomba do poço artesiano também era utilizado para levar energia para as casas para que os moradores pudessem assistir a suas novelas preferidas pela televisão via satélite. Seu Raimundo Ciro gentilmente nos mostrou toda a aldeia, a casa velha onde morava quando fundou JAKARÉ, o porto e o barco, para o qual a FUNAI forneceu um motor que deu pane, foi levado para consertar e nunca mais voltou. Algumas crianças (meninos e meninas) brincavam do outro lado do rio remando e pilotando uma pequena canoa de madeira.

De novo sobre as motos, voltamos para SÃO PEDRO. No caminho encontramos o pai do menino que teria sido levado pela mãe d'água. Ele trabalhava consertando o arame de uma cerca. Não ouvia muito bem. Tivemos problemas para nos entender, mas combinamos que na manhã do dia seguinte voltaríamos para conversar com ele sobre o ocorrido com o seu filho, já que estava começando a anoitecer e tínhamos uma outra entrevista agendada para aquela noite.

Ao deixarmos o caminho que estávamos seguindo, de repente, em uma moto com sua mulher na garupa, parou perto de nós o cacique Neto Tembé que voltava para a sua aldeia. Foi muito gentil, explicamos a ele que viemos de sua aldeia e conversamos com seu pai Raimundo Ciro. Marcamos de conversar com o cacique em outra oportunidade já que no dia seguinte ele seguiria para Belém onde tinha reuniões marcadas na FUNAI. Despedimo-nos e voltamos para SÃO PEDRO já anoitecendo, cansados e moídos da experiência de andar a fazer rali pelas matas da região do Rio Guamá.

## SEBASTIÃO TEMBÉ

Logo depois do jantar fomos conversar com Sebastião Tembé. Ele tinha terminado de fazer sua refeição noturna e nos recebeu sentado em sua rede, atada na sala. É o pai do cacique Koakrai Tembé, que chegou logo depois, sentou-se, participou da conversa e nos concedeu uma longa e proveitosa entrevista. Sebastião nos diz que a aldeia SÃO PEDRO foi fundada no ano de 1963 com a chegada de Tatiu com sua família, até então moradores da aldeia velha denominada de SÃO JOSÉ situada do outro lado Rio Guamá. Vieram fazer roça, construíram seu barraco e foram ficando. Seus familiares aos poucos começaram a chegar e construir suas casas e suas roças.

Sebastião Tembé nos conta que o primeiro Tembé a mudar-se para as TIARG foi Manoel Feliciano e sua família. Ele morava na aldeia SÃO JOSÉ e no ano de 1945 com a homologação da reserva pelo General Magalhães Barata, foi para a sede do posto da FUNAI onde atualmente esta localizada a aldeia SEDE. Depois dele, todos os Tembé que moravam no lado direito do Rio Guamá foram para a TIARG. Os primeiros moradores da aldeia quase nunca saiam para outros lugares mais distantes. A primeira pessoa da aldeia a ir para a cidade de Belém foi uma tia sua de nome Maria Tembé. Foi doente para a capital e não retornou, morreu e para lá fora enterrada. Os que aqui morriam nessa época eram enterrados no cemitério que existia na aldeia SÃO JOSÉ. Hoje o cemitério dos Tembé está situado na aldeia SEDE.

A aldeia Y´TAWA onde atualmente é cacique Santana Tembé foi fundada por Sebastião Tembé, mas ele não ficou lá. Construiu um barraco, roça e a estrada que vai até a aldeia. Voltou para a aldeia SÃO PEDRO. Antes da demarcação da TIARG, a terra Tembé era bem maior do que era hoje. Por exemplo: o município de Irituia era território de caça Tembé. E os limites da Terra Tembé, pelo Rio Guamá iam do Igarapé do Muruteua próximo da vila Arauaí até o Igarapé Sujo. Segundo Sebastião Tembé, quem afirmou isso foi Zé Preto que mora na aldeia JAKARÉ. Zé preto é maranhense e casou-se com Dona Hilda Tembé, morou em SÃO PEDRO, depois separaram-se. Zé Preto tem muitos filhos. Dona Hilda Tembé é tia de Sebastião. Nessa época o posto da FUNAI tinha roça e Zé Preto é que veio fazer a abertura da área, para fazer roça. O posto parou de fazer roças por volta do ano de 1963. Os últimos roçados do posto foram na época do chefe Otávio. Ele matava gado para dar

comida ao povo. Não tinha pagamento para os índios pelos serviços nas roças. As roupas que os índios usavam eram pagas por eles. E podiam ser trocadas com mercadorias que os Tembé produziam como: farinha, peles de animais, artesanato, etc.

Nos anos de 1940 a 1945 um grande surto de gripe assolou a região onde viviam os Tembé. Era uma gripe parecida com a atual gripe suína e matava até cinco índios todos os dias. Isso causou uma diminuição da população e fez com que os que restaram se dispersasse em busca de terra mais sadia. Nessa época um dos grupos Tembé do Guamá mudou-se para a região de Bragança, provavelmente para o local denominado de alto Urumajó ou Urumajozinho.

Recentemente, em outubro de 2009, os Tembé do Guamá participaram de um filme rodado por um cineasta norte americano na ilha do Combu, em frente a Belém. O filme ainda não entrou em cartaz e se chamará: “Um americano amigo”. De acordo com Sebastião é um filme de aventura, com muita luta. Eles gostaram de atuar. Os atores Tembé (homens, mulheres e crianças) são das aldeias SÃO PEDRO e PIRÁ. A netinha de Sebastião, filha de Koakrai veio sentar-se com ele na rede.

## **KOAKRAI TEMBÉ**

É um dos mais jovens caciques Tembé do Guamá, 24 anos. Nasceu na aldeia SEDE em 1985. De nome Koakrai Oliveira Tembé, conhecido como Moenda, filho de Sebastião Tembé. Koakrai em Tembé quer dizer “casca de pau”. É cacique desde o ano de 2008 substituindo seu tio o ex-cacique Israel Tembé e devido às obrigações de líder da aldeia, parou de estudar. Viaja muito, porém o lugar mais longe que já conheceu foi Belém.

É ele quem pilota o trator esteira da aldeia. Usou-o recentemente para ajudar a isolar e apagar o fogo que ameaçava os apiários da aldeia. Gosta de jogar futebol na posição de goleiro. E como todo jovem, gosta de festa e de dançar. Casado, pai de uma filha. Tem participado dos acontecimentos que envolvem o povo Tembé e constrói uma liderança que deve perdurar por muitos anos. Sua aldeia, a SÃO PEDRO lidera um grupo de outras aldeias filiadas a AGITARGMA e é a partir dela que planeja junto com Sandro Tembé a criação de várias outras aldeias ao longo da TIARG.

Na manhã seguinte seguirá para Belém no veículo que usamos para chegar até sua aldeia, nosso motorista Raimar irá com ele, por isso colocou à nossa disposição uma voadeira com motor de popa, pilotada por um dos guerreiros da aldeia, para que possamos chegar até a aldeia FRASQUEIRA e YTAPUTYR. Nossa viagem será pela parte da tarde, por que pela manhã ainda iremos visitar o menino Deri além de pretendermos ir à aldeia Y`TAWA.

## **O MENINO**

No dia 02 de Dezembro só tínhamos duas motos à disposição, pois o terceiro piloto, Raimar adoeceu na noite anterior e não pode seguir conosco. João levava ao mesmo tempo em sua moto Juliana e Weleda, enquanto que eu fui levado por Kalango. Seguimos bem cedo para a casa do menino que havia sido levado pela mãe-d'água. Tem sete anos. Sua mãe e seu pai nos receberam na sala de sua casa de madeira e coberta por cavacos. A sala tinha algumas fotografias da família em tamanho grande, porém o mais interessante e impressionante na parede era a decoração feita com a pele

de dois gatos maracajás (jaguatirica) caçados pelo seu irmão mais velho de que tem apenas 14 anos, cujo desejo maior é ser caçador.

Enquanto conversávamos na sala com os pais, notamos um garoto bem pequeno que estava sentado na porta que dava para o quintal de sua casa, parecia tímido e absorto. Era o menino. O pai pouco falava porque tem problemas de audição e não entendia muito bem o que falávamos. Sua mãe nos contou e o pai confirmou que poucos dias atrás o filho que dorme na sala onde ficam as redes dos outros irmãos dormia normalmente. Até por volta das duas horas da manhã o pai levantou-se e não encontrou o menino na sua rede e todas as portas e janelas estavam fechadas como ele deixara. Se houvesse algum barulho de portas ou janelas sendo abertas, a mãe teria escutado e se levantaria para ver o que estava acontecendo. Não ouviu nada e nenhum dos irmãos percebeu a saída do menino.

Todos acordaram e começaram a procurar dentro e fora da casa. Gritaram seu nome e nada. Foi assim até às nove horas da manhã quando o menino foi encontrado às margens de um pequeno igarapé, nos fundos do terreno, rodeado de açaizeiros, completamente mudo e sem saber o que lhe acontecera. Até hoje não sabe dizer o que houve com ele, não sabe onde esteve e nem como ali foi parar. Ele não sabe o que aconteceu, mas sua mãe sim. Foi a mãe d'água quem o levou e isso indica que o menino tem o dom e ele será preparado para ser Pajé.

## Y'TAWA





A partir da aldeia SÃO PEDRO, é a aldeia mais distante, aproximadamente 9 quilômetros. Continuamos com o mesmo arranjo de distribuição nas motos. Eu levado por Kalango e Juliana e Weleda transportadas por João. Passamos pelo local onde os Tembê trabalharam para conter o fogo. Alguns troncos ainda fumegavam. Entramos em uma área de mata primária, bela, com suas árvores de mais de 40 metros de altura, escura e úmida, contraste marcante com a temperatura reinante fora da floresta. Algumas árvores foram derrubadas para que se tirassem cavacos e troncos para a feitura de coberturas de casas e canoas, nada que causasse prejuízo para o todo.

Chegamos a aldeia Y'TAWA. Passamos pela pequena casa que Sebastião Tembê construiu, chegamos a uma barraca coberta com uma lona, e sem paredes onde mora o cacique Santana Tembê e sua esposa a liderança Conceição Tembê. Um pouco mais distante, perto de uma mangueira, que estava tão carregada de mangas maduras que o chão estava coberto por mangas caídas, ficava a casa que foi habitada por João, nosso motoqueiro que casou com a filha do cacique Santana e que viveu algum tempo ali. Aquele local já havia sido anteriormente ocupado por posseiros e a ida dos Tembê para lá faz parte de um plano de ocupação do território da TIARG. A aldeia foi fundada por Sebastião Tembê no dia 03 de janeiro de 2009.

O cacique Santana Tembê (João Santana Reis), a liderança Conceição Tembê (Maria da Conceição Mota) e mais um menino e dois rapazes habitavam atualmente a aldeia. Eles já começam a ter roças e vivem do comércio de açaí que é retirado em açazais próximos por pessoas não índias de fora da aldeia. Essas pessoas pagam pelo que tiram e levam os sacos com o fruto em costas de cavalos e burros para serem vendidos na vila de Tauarí, próxima da aldeia. Caçam veados, catitus e porcão. Nesse dia estavam preparando em fogão improvisado no chão com três pedras, um cozido de catitu. Fizeram também um churrasco de catitu. Ofereceram para nós as duas iguarias. Comi das duas e achei o sabor delicioso, inigualável e tão bom que repeti. O catitu é um porco selvagem de tamanho pequeno. Quero comer essa carne mais vezes.

Dona Conceição fez um vinho de açaí usando a água do **igarapé de águas amarelas** (Y'TAWA), de uma cor única e sabor inigualável. Comi uma melancia inteira trazida por João da roça do cacique Santana. Chegaram as pessoas que estavam a tirar açaí, com dois cavalos carregados. Fizeram parte do banquete oferecido pelo cacique

Santana e Dona Conceição. Conversamos bastante, sentados dentro do barraco da família. Soubemos dos seus planos e de suas aspirações. Estão ai ainda muito recente e por isso ainda não possuem um poço artesiano com caixa d'água que possa lhes fornecer uma água de melhor qualidade, mas é só questão de tempo.

A cozinha de Dona Conceição fica fora do barraco e consiste em um fogão de lenha debaixo de uma armação coberta com cavacos onde dormitam aproveitando o calor, sete cachorrinhos recém-nascidos que serão de grande utilidade para a aldeia no futuro. Partimos de volta para SÃO PEDRO ao mesmo tempo em que os homens que colheram o açaí também partiram para a vila Tauari.

## **FRASQUEIRA**



**Aldeia FRASQUEIRA**

Nessa mesma tarde, com Raimar já melhor, partimos para a aldeia polo da FRASQUEIRA para falar com o cacique Zequinha Temb e e planejar a ida às outras aldeias. Ficar amos sediados na aldeia SÃO PEDRO, indo e voltando todos os dias. Precisávamos de energia elétrica para nossos equipamentos e na FRASQUEIRA ainda não tinha energia elétrica fornecida pela Rede Celpa.

Para chegar à aldeia FRASQUEIRA tivemos que atravessar outra vez o Rio Guamá, vindos da aldeia SÃO PEDRO, retornar pela estrada de chão e antes de passar pela primeira porteira da fazenda entrar à esquerda e percorrer algo como 2 quilômetros. A

aldeia fica em uma ribanceira mais baixa do que a de SÃO PEDRO, talvez uns dez metros de altura. Logo no porto, havia um caminhão da Rede Celpa carregado de postes de concreto para a instalação de energia elétrica. Chegamos exatamente no dia em que os primeiros postes estavam sendo carregados em uma balsa, e puxados pelos indígenas para cima da ladeira e depois arrastados pela aldeia para os seus devidos lugares. Era trabalho de um esforço brutal. O progresso era muito lento. Enquanto isso outra equipe começa a instalar os padrões de medição na frente de cada uma das residências da aldeia. O projeto incluía também levar energia elétrica para a aldeia de ITAPUTYR, distante cerca de um quilometro dali.

Para ter acesso à aldeia FRASQUEIRA, o processo é idêntico ao utilizado na aldeia SÃO PEDRO, uma corda de nylon atravessando o rio, que aqui é bem mais estreito, é puxado para deslocar a canoa ou a balsa. O cacique Zequinha estava na casa de seu pai Rufino Romão o Tembê vivo mais antigo do Guamá, que no dia 02 de fevereiro de 2010 completará 97 anos. Conversamos e acertamos para o dia seguinte uma conversa com o senhor Rufino, que com problemas de audição necessita que falem bem alto e claro para que possa entender.

A aldeia conta com um pequeno posto médico e uma técnica de enfermagem em regime permanente, da mesma forma do que é feito nas outras aldeias. Uma técnica fica 20 dias e outra pessoa fica durante 10 dias. Porém um grande e bonito posto médico está a ser construído e prestes a ser inaugurado. Esse prédio contará com apartamentos para os técnicos, enfermeiros e eventualmente médicos ficarem hospedados quando em serviço na aldeia. Possui um poço artesiano e caixa d'água para 10.000 litros, construído pela FUNASA, mas que agora enfrenta o mesmo problema de racionamento de água visto nas outras aldeias. Todas as casas recebem água encanada e tratada. Nesse período as donas de casa lavam suas roupas e louças nas águas do Rio Guamá.



Escola na Aldeia FRASQUEIRA

Uma escola importante de ensino fundamental e médio existe na aldeia, é a Escola Itaputyr. Em frente a essa escola está situado o campo de futebol frequentemente usado para futebol masculino e feminino. Na aldeia moram cerca de 60 pessoas distribuídas em 15 famílias. Foi fundada por Antonio Romão e Raimundo Leopoldo (Gato). O cacique Zequinha Tembé (José Barnabé) nasceu em ITWAÇU no dia 12 de fevereiro de 1965.

As aldeias vinculadas ao polo FRASQUEIRA pertenciam a AGITARGMA, a primeira associação fundada na qual todas as aldeias do Alto Rio Guamá eram filiadas. Essa associação faliu e estão em vias de fundarem um novo agrupamento com o nome de Organização dos Povos Indígenas Tembé das Aldeias de Cima (OPITAC) que pela primeira vez terá uma mulher na direção: Nazaré Tembé, moradora da aldeia ITAPUTYR. A OPITAC terá como filiadas as seguintes aldeias: FRASQUEIRA, YTAPUTYR, TAWARI, ZAWARA UHU e ITA HU. Zequinha Tembé afirmou que seu pai lhe contara que FRASQUEIRA foi denominada dessa forma devido ao nome do igarapé que fica bem ali perto. No tempo em que os regatões comercializavam pela região, era bem na entrada do igarapé que se depositavam os frascos com bebidas para que ficassem bem frios e assim pudessem ser saboreados. O igarapé onde se depositavam os frascos, FRASQUEIRA, a aldeia levou o nome do igarapé.

Aproveitamos para conhecer a aldeia YTAPUTYR, bem perto da aldeia FRASQUEIRA. Uma aldeia muito interessante se comparada às outras já visitadas.

Marcamos a volta para o dia seguinte para uma longa conversa. Retornamos para a aldeia FRASQUEIRA e de lá para a aldeia SÃO PEDRO. O cacique Koakrai Tembé precisou do nosso veículo que seria conduzido por Raimar, para ir até Belém resolver alguns problemas. Colocou à nossa disposição para o dia seguinte, uma voadeira, pilotada por um guerreiro Tembé para que, via Rio Guamá pudéssemos acessar a aldeia FRASQUEIRA.

## **RETORNO A FRASQUEIRA**

No dia 03 de dezembro, manhã bem cedinho, com nossos equipamentos a bordo começamos a subir o Rio Guamá. Estava seco e o piloto teria que ter muita habilidade e cuidado, caso contrário nós corríamos o risco de bater em um tronco submerso ou em um banco de areia e virar a voadeira.

Rio acima, encontramos uma ilha bem no meio do rio, pelos lados ficavam galhadas caídas que impossibilitavam a passagem. Descemos da voadeira e andamos pela ilha enquanto nosso piloto, com o motor desligado puxava a embarcação até o outro lado da ilha quando embarcamos e seguimos viagem. Aqui e ali pássaros voavam. Vimos um socó e outras aves menores. As margens apresentavam-se bem protegidas pela mata ciliar. Bem próximo a aldeia FRASQUEIRA, pelo lado da TIARG passamos por um pequeno monte todo queimado. Fizeram ali um roçado provavelmente grande para plantar maniva. Chegamos à aldeia FRASQUEIRA e fomos direto para a aldeia YTAPUTYR. Nosso piloto seria também nosso guia, pois conhecia bem a região.

## **YTAPUTYR**



## Aldeia YTAPUTIR

**Flor na pedra**, aldeia pequena com oito famílias e 48 habitantes. Fundada por seu atual cacique Pedro Tembé (Pedro dos Santos Reis Tembé) no ano de 1964. O cacique também é conhecido como Pedro do Teófilo (Teófilo é o nome do seu pai - filho de). Não tem escola, as crianças estudam na aldeia FRASQUEIRA na escola que leva o nome de sua aldeia Ytaputyr. Também não possui posto de saúde, utiliza o da FRASQUEIRA, pela proximidade. Tem poço artesiano com caixa d'água para 10.000 litros, construído pela FUNASA. E por coincidência, hoje dia 03 de dezembro de 2009 os funcionários da Rede Celpa estão começando a instalar os padrões para energia elétrica direta. Fica situada a cerca de 50 metros do Rio Guamá, com locais muito belos e ótimos para se tomar banho e lavar roupa. Uma ilha no meio do rio, de bom tamanho é a atração para as crianças que nadando chegam até ela. Bem próximo da aldeia, rio acima desemboca o rio Tawarí que é o limite da TIARG mais a montante (rio acima) do Rio Guamá.

As casas ficam dispostas em círculo, com uma construção típica Tembé nas aldeias do Guamá, em YTAPUTYR, situada bem no centro da aldeia. É a RAMADA, um barracão coberto de palha de ubin com quatro águas e sem tapagem lateral. Seus esteios e caibros são de madeira, e as palhas amarradas com cipó. Está enfeitada internamente com vários artefatos artesanais confeccionados pelos Tembé da aldeia. Dentre estes artefatos encontramos: redes de dormir tecidas com fios de algodão, tipitis ou pocorós, peneiras, colares, capacetes ou cocares de penas multicoloridas tanto os de uso masculino quanto os femininos, flechas e arcos e diversas armadilhas usadas para pegar peixes nos rios ali perto, dentre essas armadilhas chamou-me a atenção a Camina, pequena, tecida em fibra de guarimã e em forma de funil.

Ao lado do barracão principal havia outra casa menor, também coberta de palha, porém sem nenhum enfeite, servia para a preparação das comidas durante os rituais da aldeia como a  **festa da moça ou do moqueado**  e a  **festa das crianças** . Um pouco mais ao fundo dava para ver uma pequena e branca capela fechada. Já estava sem uso, pois as atividades religiosas da aldeia aconteciam no barracão principal. O cacique Pedro Tembé não estava naquele momento na aldeia, fora levar seu filho para uma consulta médica na cidade de Capitão Poço e participar de uma reunião. Teríamos uma reunião organizada por Dona Fausta Tembé, esposa do cacique Pedro Tembé, no

barracão principal. Conversaríamos com a figura mais importante culturalmente falando, destes lados do Alto Rio Guamá. Trata-se de PATIKO TEMBÉ (Francisco Tembê), mais conhecido como CHICO RICO, ele, um Tembê da região do Rio Gurupi.

Chico Rico, ou Patiko, tem 76 anos. Apresentou-se pintado de urucu e jenipapo (vermelho e preto) tendo na cabeça um capacete de penas de papagaio, trazia um grupo de crianças todas elas pintadas de genipapo, com ornamentos nos braços e na cabeça. Falador, simpático e atencioso, é detentor do saber Tembê. Fala fluentemente a língua e mais 6 (seis) outras: Kaa'poor, Timbira, Guajá, Guajajara, Wanampi e Caiapó. Fez sua apresentação na língua Tembê e depois traduziu para o português. Canta e é um grande compositor das canções Tembê. É exímio na cestaria e plumarias. Ele ministra aulas para as crianças e jovens da aldeia YTAPUTYR como também para jovens de outras aldeias como é o caso dos jovens Tembê da aldeia SEDE: Bewane e Tihil. Seu pai foi cacique Geral no Gurupi, o Capitão Manoel Lima Tembê.

Patiko é compositor e canta acompanhado do seu maracá, marcando o ritmo batendo fortemente o pé direito no chão do terreiro quando puxa a cantoria no **Dhengar té** (canto da noite) que os brancos apelidaram de Caê Caê. Do mesmo modo, fumando seu cigarro de tawari, canta o Urira-urau que é a música do moqueado na festa da menina-moça, quando a mocinha vai fazer o remédio dela. Chico Rico é casado com Pirimina, uma índia Guajajara com quem tem seis filhos, o mais novinho um menino fofinho ainda não tem um ano de idade e leva preso nos cabelos por um pedaço de cera de abelha, uma pequena pena vermelha para que nem um bicho da terra ou da água lhe faça qualquer mal.

O que é interessante, Pirimina foi “dada” para Pakito quando ainda era criança. Chico Rico a criou e a fez sua esposa. Com ela tem seis filhos que moram atualmente com eles em YTAPUTYR. É Pirimina quem o acompanha, junto a outras mulheres, no coro que responde ao cantador, sem pronunciar palavras, apenas um som gutural fraseado, e também é ela quem prepara, acende e dá o cigarro de tawarí para Chico Rico tirar longas baforadas enquanto canta inspirado. Não me disseram tudo que vai dentro daquele cigarro. Mas afirmaram ter tabaco migado bem fininho, com algumas

coisas fortes dentro, envolvido com a entrecasca do tawarí. Faz uma bela fumaça. Se tiver o cigarro de tawarí e a bebida denominada de cassiri ou caxiri, que é feita juntando a garapa da cana de açúcar, mais beiju de mandioca a alguns elementos do mel de abelhas, a cantoria vara a madrugada e é comum se ver o sol nascer. Essa cantoria da noite é feita no terreiro, enquanto a cantoria para a festa do moqueado é feita dentro do salão.

Chico Rico nos conta que os Tembé vieram do Rio Capim, da região de Tomé Açú. Lá se encontram várias aldeias habitadas pelos Tembé. A área do Guamá era dos Tembé enquanto que a área do Gurupi era dos índios Kaa'por. Quando os índios que habitavam a região do Gurupi diziam “vamos lá nos Tembé” queriam dizer “vamos lá no Guamá”. Neste momento a área da TIARG que vai do Guamá até o Gurupi pertence aos Tembé. Não existe nenhuma aldeia de outra etnia nessa área. Os Kaa'por, os Timbira e os Guajajara moram do outro lado do Gurupi, no estado do Maranhão. Chico Rico já organizou e realizou varias **festas do moqueado** que é a **festa da menina moça**. Todas as meninas que se formaram, (apresentam a primeira menstruação ou menarca) participam. Devem ser pintadas pela mãe e ficam guardadas dentro do quarto. Não podem sair. Toda a comida é levada pela mãe. Até o banho é dado pela mãe. Ela é acompanhada de um rapaz também pintado, que participa do ritual dançando com ela. É o seu par. A moça tem de ficar até o final da festa. Se for embora sem a permissão do pajé, ela invariavelmente adoecer, volta para ser curada e só depois de curada é que ela está liberada para ir embora. Durante a festa ela bebe cassiri, dança e come o moqueado de caça. Nesse moqueado se inclui veados, macacos, etc.

Na aldeia YTAPUTYR, Chico Rico realizou a **festa do Moqueado das crianças, Kawaharer Pitika'i ou Festa dos Meninos**. Até crianças que ainda não andam, que estão na tipóia, podem participar. De acordo com Chico Rico, antigamente os pais não davam frutas para o filho comer. Também era proibido o menino ou o rapaz comer fígado dos animais abatidos. Se isso acontecesse, o rapaz ficava muito nervoso e não servia para guerrear. Os Tembé acreditam que existem vários seres bons e outros maus, de acordo com Chico Rico. Os encantados da água (mãe d'água), o dono do mato (curupira), do ar (gavião, urubu-rei) e da terra (cobra de duas cabeças) fazem mal para a moça e para as crianças. Por isso tem obrigatoriamente de passar pelo



ritual da Festa da Moça a pela Festa da Criança. Os bichos encantados bons são personificados pelos curadores quando desenvolvem seus dons de cura e executam seus rituais.

De todas as aldeias Tembé do Guamá, somente em YTAPUTYR os meninos e as meninas, os rapazes e as moças, além de dominarem arte da cestaria, da plumaria da construção de arcos e flechas, são falantes fluentes da língua Tembé e do português e andam permanentemente com o corpo pintado de tinta de genipapo. Dos adultos apenas Pirimina anda pintada. Depois da maravilhosa conversa com Chico Rico, fomos almoçar na casa de dona Fausta e do cacique Pedro Tembé que havia retornado para a aldeia. Nosso almoço constava de carne enlatada, macarrão e ovos, ficou enriquecido com o feijão acrescentado por Dona Fausta. Toda essa iguaria deliciosa fora preparado no fogão a lenha. Combinamos com o cacique Pedro Tembé e com dona Fausta que na noite do dia seguinte dormiríamos na aldeia de YTAPUTYR. Após o almoço junto com o guerreiro da aldeia de SÃO PEDRO, que nos acompanhava, pegamos uma trilha, debaixo de sol forte e caminhamos em direção a aldeia TAWARI, distante 4 quilômetros.

## **TAWARI**

Logo depois de atravessarmos o açailal, nos deparamos com uma casa de farinha. Dois habitantes da aldeia torravam sua farinha naquele momento. Cachorros latiram e partiram para cima de nós. Foram contidos pelos donos que nos cumprimentaram e indicaram a casa do cacique.



**Aldeia TAWARI**

É uma aldeia pequena, não tem luz elétrica, mas tem poço artesiano com caixa d'água para 10.000 litros. Tem água nas torneiras de todas as casas. Bem debaixo da caixa d'água há um local para lavar roupa. As casas não estão dispostas em ordem. A casa do cacique é coberta por cavacos e na sala funciona improvisadamente uma sala de aula e sobre a mesa ficam as caixas com medicamentos. Não há posto médico, mas existe um técnico em enfermagem que fica de segunda a sexta-feira na aldeia. A aldeia está situada próxima ao igarapé Tawarí que confina as terras da TIARG. Conta com um Agente Indígena de Saneamento (AISAM) e um Agente Indígena de Saúde (AIS).

O cacique Zé Grande ou Dude Uhu (Francelino dos Santos) não estava em casa, somente sua mulher. Ele fora até a margem do igarapé Tawari serrar madeira para usar na sua casa. Fomos recebidos também por Dona Castorina Moura da Cruz Tembé, de 82 anos, mãe do cacique Zé Grande, que mora na aldeia desde a homologação da TIARG em 1945, pelo Governador General Magalhães Barata. Casou-se com um índio Tembé e veio morar desde então na aldeia.

Chegou o cacique Zé Grande, um Tembé pequeno, forte e sorridente. Recebeu-nos e se dispôs a conversar ali na sala de sua casa, juntamente com sua mãe, Dona Castorina. Disse-nos Zé Grande que normalmente o cacique permanece e resolve os problemas da aldeia. Quando é necessária a participação em algum evento ou reunião fora da aldeia, como por exemplo, em Belém, a aldeia pode ser representada pelo cacique ou pela liderança da aldeia, de modo geral, uma pessoa mais bem instruída que seja capaz de entender e se fazer entender. Zé Grande falou dos projetos já existentes na aldeia. Eles plantam banana para seu consumo próprio e côco. Comemos várias bananas que nos foram oferecidas pelo cacique, muito saborosas.

Saímos para conhecer a aldeia. Passamos por uma casa ampla em um terreiro bem cuidado. Nessa casa dorme o técnico em enfermagem que atua na aldeia. Chegamos até a margem do igarapé Tawari, mesmo com o auge da estação seca esse pequeno rio tinha muita água. Sobre o rio foi construída uma estreita ponte de madeira por onde atravessam motos que vão e vem da vila Tawari não muito longe da aldeia. Lá à margem do rio um habitante da aldeia ZAWARA UHU, munido de uma motosserra

tirava tábuas de um tronco de cedro para serem utilizadas na casa do cacique Zé Grande.

## **MAIS UMA VOLTA**

Voltamos para a aldeia FRASQUEIRA, por outro caminho. Vimos a entrada da trilha que levava para a aldeia ZAWARA UHU para onde iríamos no dia seguinte. No porto subimos na voadeira e rumamos de volta para aldeia SÃO PEDRO, já à noitinha. Passando em frente a aldeia MURUCYTU, vimos a enfermeira Angélica que nos acenava. Paramos e ela nos passou a chave do nosso alojamento, já que estava indo para atender uma pessoa doente na aldeia. Recentemente a aldeia MURUCYTU passou por um surto de hepatite B provocada pela contaminação do poço artesiano por dejetos das fossas sanitárias próximas. Isso provocou a vinda de técnicos da FUNASA, com laboratórios móveis para a análise da água e dos habitantes da aldeia. Identificadas as pessoas contaminadas, foram aplicados os medicamentos indicados e feito a descontaminação do poço. Consertado o vazamento da fossa, o problema ficou sob controle. Avistamos SÃO PEDRO, já anoitecendo. Todo o esforço de subir aquela escadaria foi recompensada pela paisagem vista do alto.

## **PREPARAÇÃO PARA IR PARA MAIS UMA ALDEIA**

No dia 04 de dezembro, Raimar retornou de Belém juntamente com o cacique Koakrai, de madrugada. Pela manhã arrumamos nossos objetos pessoais imprescindíveis para que pudéssemos carregar, pois dormiríamos na aldeia YTAPUTYR. Combinamos que Raimar nos levaria até a aldeia FRASQUEIRA, voltaria e dormiria na aldeia SÃO PEDRO e na manhã seguinte, bem cedo iria nos esperar em frente a aldeia FRASQUEIRA, por que de lá seguiríamos para Garrafão do Norte onde nos esperava o técnico em enfermagem da aldeia PIRÁ, Edilberto que seria nosso guia até a aldeia ITA HU.

Chegamos à casa do cacique Zequinha Tembé, na aldeia FRASQUEIRA, deixamos nossas mochilas e somente com nossos equipamentos de trabalho seguimos para a

aldeia ZAWARA UHU. O cacique mandou um filho dele, que foi empurrando uma bicicleta, para ser nosso guia.

Caminhamos pela trilha que havíamos feito no dia anterior até a entrada do caminho da aldeia, passamos por uma região onde o mato havia sido queimado recentemente, pois em alguns locais ainda fumegava, fogo esse que havia sido feito por invasores recentes que fizeram roças dentro da TIARG. Caminhamos aproximadamente cinco quilômetros quando avistamos uma placa onde estava escrito o nome da aldeia. **A primeira aldeia identificada com uma placa.**

## ZAWARA UHU



Aldeia ZAWARA UHU

A aldeia da **onça grande** leva esse nome justamente porque às proximidades de onde estava a ser construída a casa do diretor da escola Ytaputyr da aldeia FRASQUEIRA, Kokoixumti Tembê J. Parakatejê (Professor Wendel) que ali morava, por diversas vezes as crianças tiveram de correr para a casa do cacique quando a malhada esturrava bem perto. Era uma onça. E era das grandes. A aldeia é bem pequena, com as casas dispersas. Formada por quatro famílias e 14 pessoas. Foi fundada em setembro de 2008 pelo cacique Kelé Tembê. Não tem luz elétrica, não tem sala de aula, os que estudam vão para a aldeia FRASQUEIRA, também não tem posto de saúde, é o técnico em enfermagem que atua na aldeia TAWARI que ali dá assistência. A casa do

cacique é ampla e coberta com cavacos. A sala é estreita com uma mesa cheia de livros pertencentes ao professor Wendel que é casado com a filha do cacique Kelé Tembé. Foi sobre essa mesa que o cacique sentou-se para conversar conosco. Sentamos em um banco corrido de madeira.

Kelé Tembé (Clemente) um Tembé bem moreno, atlético de sorriso constante e muito inteligente, nasceu em 23 de novembro de 1950. Foi Cacique Geral dos Tembé do Guamá, cacique da aldeia TAWARI, conselheiro de Saúde. Veio embora para fundar a aldeia ZAWARA UHU juntamente com um genro seu que morreu em um acidente de caçada. Levou um tiro no peito. O cacique é a memória viva das lutas Tembé nas ultimas décadas. Tem fotografias e documentos das atividades da luta pelas suas terras. Lembra-se de todos os fatos com riqueza de detalhes, é sem duvida, imprescindível para quem se dispuser a estudar a história recente dos Tembé do Guamá.

Revelou-nos o cacique Kelé Tembé que antes de 1945, das aldeias velhas a mais importante e maior era a SÃO JOSÉ, situada do lado esquerdo do rio Guamá, próxima a um igarapé denominado de Jaritequara. Havia aqueles que trabalhavam com cerâmica, nessa região de Jaritequara, pois era dali que obtinham a argila para fabricarem os alguidares, pratos, potes e outros utensílios domésticos. Guamá abaixo podiam ser encontradas: a aldeia do PANELÃO, aldeia do FORNO, aldeia do TAPIRI e ainda o posto da FUNAI, além dessas, havia uma aldeia chamada de CABEÇA DE PORCO que ficava no rio Guamá acima de Ourém, a aldeia ITORORÓ, a aldeia BOCA VELHA, a aldeia TAWARI MIRIM, a aldeia JIPUUBA e a aldeia TAPERÁ (onde os Tembé entraram em combate com os Kaa'por. Mais de 100 índios morreram). Todas estavam localizadas do lado esquerdo do Rio Guamá por medo dos Kaa'por que eram índios brabos e que eventualmente desciam dos lados do Gurupi para brigar com o povo de Irituia. Passavam pelas aldeias Tembé e via de regra, brigavam e matavam os Tembé. Na grande maioria das vezes eles atacavam com medo de serem atacados e mortos.

Atualmente há também os Tembé desaldeados. Podem ser encontrados na cidade de Capitão Poço, na vila de Mosqueiro, na cidade de Belém. Em Bragança eram os

Caeteuaras, no Oiapoque passaram a ser os Garibi Nanuque. A Casa da Cultura de Ourém dispõe de material referente a origem dos Tembé. Documentos de antes da demarcação da TIARG. Na cidade de Viseu também é possível encontrar documentos relativos aos Tembé. Um dos casos mais comentados e nunca esquecidos em nenhuma das aldeias Tembé foi, antes de 1945 quando Kaa'por atacaram, mataram com flechas duas meninas que com medo se enrolaram nas suas redes. Depois de mortas com as flechas sendo usadas como se fossem facas, as duas meninas foram tiradas das redes e partidas ao meio. Isso entristeceu os Tembé e criou uma inimizade muito grande entre os dois povos. Recentemente na aldeia YTAPUTYR, ouvi comentários sobre essa morte. O Kaa'por que matou as duas meninas apodreceu da cintura para baixo, ninguém mais suportava o mau cheiro que exalava e teve de ser enterrado vivo lá para os lados do Gurupi. Dizem que pagou pelos seus crimes.

Kelé Tembé com doze anos de idade foi morar na aldeia SÃO PEDRO, estava ainda lá quando começou a luta pela terra. No tempo do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), os Tembé não tinham contato com os brancos. Quando esse contato se intensificou em decorrência de doenças transmitidas, morreram muitos Tembé, só restaram 40 índios. Para não desaparecerem, os Tembé começaram a casar com os não índios. Kelé nos diz que o primeiro chefe de posto da FUNAI foi Zé Maia. Muito autoritário. Os que vieram depois não foram melhores. Já em 1965 os Tembé trabalhavam para si próprios na agricultura, porque antes disso, trabalhavam nas roças do posto. Os chefes do posto começaram a vender a madeira da TIARG. O primeiro a ter tal procedimento foi Fiúza. Dos chefes do posto que Kelé lembra: Zé Abacate, Arnaldo, Otávio, Álvaro (quem autorizou o estabelecimento da fazenda Mejer, até hoje objeto de disputa na justiça. Processo tocado pelo filho do primeiro dono (já falecido), Batista, Caetano, Solimões, Dilson Marinho (que em 1992 iniciou o processo de retirada dos posseiros, demarcação e homologação da TIARG), índio Genilson, Agostinho da UFPA, entre outros. Índios também tiravam madeira para vender com a autorização do chefe do posto.

Dentre os chefes do posto da FUNAI, Kelé Tembé afirma que Napoleão Vitorino Solimões foi o maior estimulador da retirada de madeira no ano de 1985. Instalou um boteco na aldeia e ficou com as mulheres de vários índios. Foi o responsável também pela divisão dos grupos da aldeia SEDE e da aldeia SÃO PEDRO. O cacique Kelé

Tembé participou dos movimentos recentes dos Tembés, chegou a ser perseguido e jurado de morte pelos madeireiros e posseiros. Apareceu em diversos programas de televisão e em reportagens de jornais de Belém como O Liberal. Documentos sobre sua participação como ativista da causa Tembés também podem ser encontrados na FUNAI e no CIMI. Depois dessa grande aula sobre a história Tembés, agradecemos não sem antes conseguir do cacique Kelé Tembés o compromisso de mais algumas horas de conversa a posteriori. Voltamos para a aldeia FRASQUEIRA. Desta vez eu era o próprio guia. Não nos perdemos.

## **RUFINO ROMÃO**

Dentre os Tembés, deste lado da TIARG, que se tenha notícia é o mais antigo que ainda está vivo. Estará completando 97 anos no dia 02 de fevereiro de 2010. Conhecido como seu Rufino, é o pai do cacique Zequinha Tembés. Assim como o filho, morador da aldeia FRASQUEIRA. Rufino nasceu do outro lado do Rio Guamá na aldeia SÃO JOSÉ. E mora na aldeia FRASQUEIRA há mais de 30 anos. Com problemas de audição e com alguma dificuldade, ele consegue lembrar-se de dados importantes de sua época de jovem. Ele lembra que na antiga aldeia SÃO JOSÉ, nessa época, antes de 1945, não havia o termo cacique, o chefe era conhecido como Capitão. O capitão da aldeia era seu avô Chico Romão.

Na aldeia SÃO JOSÉ não tinha pajé. Quando se fazia necessária a presença de um deles, eram trazidos do Gurupi para realizar as sessões de cura. Dentre os chefes de posto que ele conheceu e consegue lembrar estão: João Mendes e Zé Passinho. Lembra também o senhor Rufino Romão que em 1945 a terra Tembés ia do igarapé Jacarequara até o igarapé Quareacara, na margem esquerda do Rio Guamá. Com a homologação e a mudança das aldeias Tembés para o lado direito do Rio, as terras que antes eram dos Tembés passaram a ser propriedade da família Aguiar, de Capitão Poço.

Consegue lembrar-se de dois capitães do seu tempo: Capitão Quintino e Capitão Chico Romão, seu avô. As casas, no seu tempo de jovem eram cobertas e forradas de palha. Não se lembra de nenhuma Festa do Moqueado por aqui, sabia que era feita na

região do Gurupi. O cacique Zequinha Tembé nos auxiliou muito nesta conversa com seu pai. Deixamos seu Rufino Romão descansar. Agradecemos e pegamos a estrada que nos levará até a aldeia de YTAPUTYR.

## **OUTRA VEZ EM YTAPUTYR**

Chegamos à tardinha. Deixamos os pertences em um cômodo da casa do cacique Pedro Tembé. Passamos os mantimentos para dona Fausta e fomos tomar banho no Rio Guamá junto com os rapazes, as moças e as crianças da aldeia. Aproveitamos para lavar os cabelos com xampu. Água não faltava. Jantamos e nos preparamos para assistir a uma demonstração do Dengar (Caê Caê), preparado pelo Tembé Chico Rico. Especialmente para nós.

As pessoas foram se arrumando. Em um banco corrido e algumas carteiras escolares, no lado de fora do terreiro sentaram-se os homens. Do lado de dentro do barracão sentaram-se as mulheres que fariam o coro durante a cantoria. Chico Rico sentou-se bem início da fila, perto do cacique Pedro Tembé. Sentei-me perto dos dois, mas fora da fila dos cantores. Quatro lamparinas alimentadas com óleo diesel, dispostas formando um quadrado no chão do barracão iluminavam com sua luz difusa e bruxuleante o ambiente interno, enquanto que no lado de fora a escuridão da noite reinava absoluta.

Seria uma noite única, impressionante, cheia de seres vivos, invisíveis, por perto. Seres concretos e encantados que chegaram para ouvir e participar da festa dessa noite, com certeza absoluta a última cantoria dos Tembé de YTAPUTYR a iniciar com o escuro da noite que caía rapidamente e mais tarde, pouco a pouco sendo iluminada por Zary a lua que fora trazida graças aos apelos dos cantadores. A próxima cantoria de Chico Rico ou dos cantores de YTAPUTYR não mais terá as lamparinas. Terá lâmpadas de luz fria movidas pela energia gerada pela hidrelétrica de Tucuruí. Sempre tive sorte, como desta vez, de participar de uma noite que ficará na lembrança para sempre. Em um tempo onde a natureza imperava. A luz elétrica não existia para modificar o modo de vida Tembé. Espero que a energia elétrica não faça morrer de vez o fazer dos Tembé.



O canto começou. Hipnótico. Repetitivo. Melodioso. Marcado pelos maracás e pelas batidas dos pés no chão. A cantoria mágica forçou a escuridão a dar lugar ao luar. E a dança se fez presente. As canções brotavam cada vez mais lindas. O tempo era contado de outra maneira naquela noite. Acabou, não sei e não saberei nunca precisar o momento. Continuo a ouvir aquelas cantigas. Elas, tenho certeza, de agora em diante serão minhas companheiras pelo tempo que me restar.

## **DORMIR EM YTAPUTYR**

O cacique Pedro Tembê fez um café muito bom, coado no saco de pano com água que ferveu no fogão de lenha. Pedimos para sermos acordados às cinco e trinta da manhã. E fomos dormir em nossas redes com mosquiteiros, que ali se mostraram desnecessários, pois não havia carapanã, atados com ajuda das crianças da aldeia, pois a casa do cacique é nova e não dispõe de armadores para redes, tivemos de improvisar e amarrar as cordas nas vigas de madeira. A casa é de madeira. Acordei pela madrugada e saí para admirar o luar. YTAPUTYR sonhava com novos dias.

## **ACORDAR EM YTAPUTYR**

No dia 05 de dezembro, às cinco da manhã acordamos com Zezé di Camargo e Luciano cantando bem alto no rádio de pilhas do cacique Pedro Tembê, sintonizado em uma emissora de Garrafão do Norte. Vários outros cantores sertanejos capricharam nos vocais, no esforço tremendo para conseguir fazer com que levantássemos da rede. Creio que foi Leonardo quem nos conseguiu por de pé. Arrumadas as coisas, tomamos um café reforçado, nos despedimos, pensando em voltar sempre a esta aldeia e rumamos para a aldeia FRASQUEIRA, onde já nos esperava Raimar com todas as nossas coisas arrumadas no carro e cobertas por uma lona preta para evitar o contato com a poeira. Rumamos para a Cidade de Capitão Poço e depois para Garrafão do Norte.

## ITA HU



Aldeia ITA HU

A partir de Garrafão do Norte, tivemos a companhia do técnico em enfermagem das aldeias JAKARÉ e PIRÁ, Edilberto. Seguimos para a vila de Marapinima. Tomamos uma estrada de terra muito mal conservada, que nos levou até um pórtico de madeira, que nos dava a impressão de estarmos entrando pelo portão de uma grande fazenda. O portão foi colocado pela FUNAI. Era exatamente ali que começava a TIARG, tendo como limite o leito seco do rio Tawari. Passamos com alguma dificuldade por uma ponte formada por troncos e denominada de pinguela, saímos todos do carro que passou somente com o motorista.

A aldeia ITA HU (**Pedra Grande**) está muito próxima da zona de conflito dos Tembé com os madeireiros e invasores. Foi um local anteriormente habitado por posseiros e que serviu de abrigo para os Policiais Militares que atuaram na desocupação da área. Inicialmente moravam ali três famílias. Nesse momento só uma família reside na aldeia as outras duas estavam ocupando uma antiga vila de posseiros abandonada, denominada de vila Nossa Senhora da Conceição. A casa do cacique é muito boa, feita em alvenaria, conta com água encanada vinda de um poço artesiano com caixa

d'água para 5.000 litros construída recentemente pela FUNASA. A aldeia ainda não tem luz elétrica. Não tem casa de farinha. A casa apresenta uma proteção contra morcegos que é genial. Como não há forro na casa, e as paredes externas não chegam até o telhado, foram colocadas no vão entre a parede e o telhado folhas de um arbusto cortante chamado de tiririca.

A aldeia ITA HU está situada a aproximadamente quatro quilômetros da vila de Marapinima, que por sua vez está encravada a meio caminho da vila de Livramento e da cidade de Garrafão do Norte. Os habitantes do entorno da TIARG chamam ITA HU pelo nome de FUNAIA. É na verdade mais um posto avançado de vigilância Tembé da área e é a mais distante das aldeias de cima ligadas ao polo da aldeia FRASQUEIRA e que será um dos associados OPITAC (Organização dos Povos Indígenas Tembé das Aldeias de Cima).

Joca Tembé é o cacique da aldeia. Não estava quando lá chegamos. Foi tirar açaí. Foi na sua picape velha, muito velha. Ficamos a conversar com um índio Tembé morador da aldeia de SÃO PEDRO de nome Bira Tembé, técnico agrícola formado na Escola Agrotécnica Federal de Castanhal, e que estava se preparando para realizar os exames do vestibular que aconteceriam no próximo dia 13 de dezembro. Faria o vestibular para o curso de Geografia; no regime de cotas para indígenas, criado este ano pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Um rapaz morador de fora da TIARG e ali estava nesse momento, enquanto aguardávamos o cacique, contou que certa vez ao apanhar açaí, foi picado por uma pequena aranha caranguejeira, de cor amarela e que constrói sua toca acima do chão, no caule dos açazeiros. Ao ser picado sentiu imediatamente a garganta apertada e seca, as orelhas quentes, braços e mãos dormentes e fraqueza no corpo, muita fraqueza. Mesmo fraco matou a aranha, mas não conseguiu carregar o açaí que já estava tirado no chão. Recebeu ajuda e conseguiu chegar ao posto médico onde tomou soro e outros medicamentos e ficou curado. Por coincidência o técnico em enfermagem que o atendeu naquele momento foi Edilberto que nessa época trabalhava no serviço de saúde de Garrafão do Norte.

Joca ou Joquita Tembé (João Soares) o cacique da aldeia ITA HU tem participação bem marcada na questão da posse da terra e nas lutas que envolvem o povo Tembé. Pequeno, moreno e forte, nascido no dia 24 de junho de 1946, na aldeia SÃO JOSÉ, do outro lado do Rio Guamá. Mora na aldeia com um filho e outros rapazes. Nesse

momento vivem somente homens na aldeia. A esposa do cacique já é falecida. Ele está na aldeia há quatro anos. Joca Tembé nos conta que em 1945 nem todos os Tembé mudaram-se imediatamente para a aldeia SEDE. A família do senhor Maximiliano Tembé, seu pai, ficou na aldeia SÃO JOSÉ para cuidar das plantações que possuíam. Muito tempo depois é que a família mudou-se para a aldeia SEDE. Sua mãe não era Tembé, era ribeirinha.

A aldeia ITA HU foi fundada no ano de 2003, a partir de remoção dos colonos que ocupavam o local. Mesmo com a aldeia fundada, madeireiros continuavam a usar o ramal para retirar madeira. Para entrar ocuparam o local que faz fronteira do módulo A com o módulo verde. Atualmente moram sete pessoas na aldeia, só uma criança, contando com as duas famílias que moram mais afastadas, na vila Nossa Senhora da Conceição. Quando tinha crianças habitando na aldeia, funcionava aqui uma sala de aula, como as crianças foram embora, pararam as aulas. Para o atendimento à saúde, mesmo não existindo um posto médico, um técnico em enfermagem atende a aldeia de segunda a sexta-feira, reside em Garrafão do Norte e pertence ao polo da FUNASA de Capitão Poço.

Na aldeia vivem de roças individuais, vendem açaí para os tiradores, pescam no rio Tawari e no rio Cumaru. Tem pouca caça no local. O restante dos alimentos é comprado em Marapinima ou em Garrafão do Norte. Invasores continuam a fazer roças no interior da TIARG. Recentemente fizeram queimadas das roças e o fogo queimou as plantações na proximidade da casa do cacique. Sobre a história Tembé, o cacique Joca nos lembra que antes do ano de 1945, os Tembé não sabiam trabalhar a roça como os brancos. Faziam tudo manualmente e apenas para sua sobrevivência, isto é: para comer. De utensílios de lavoura só conheciam a enxada. Eram extratores e coletores de óleos, cipós, etc.. Foi o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) quem desenvolveu a agricultura do povo Tembé.

Em 1942, ainda de acordo com o relato de Joca Tembé, pesquisadores vieram para a região do Guamá para saber se ainda existiam índios Tembé por aqui. Queriam conhecer o cacique e fazer seu relato para as autoridades. Os Tembé viviam às proximidades do igarapé Jaritequara. Os velhos Tembé caçavam na área onde hoje está a cidade de Capitão Poço. Os pesquisadores que vieram para a região falaram

para os índios que os cearenses estavam para chegar e precisavam ocupar a o lado esquerdo do Guamá. Os índios concordaram com a nova terra delimitada entre os rios Guamá e Gurupi. Foi o Capitão (cacique) Chico Romão quem negociou com o Governador General Magalhães Barata para mudar da aldeia SÃO JOSÉ para a aldeia SEDE. Naquela época os Tembé não usavam o termo Cacique, que é recente. Usavam o termo Capitão ou Tuchaua. O Tuchaua era usado pelo chefe do posto para convocar os índios da aldeia.

Na época da construção da estrada Transamazônica, os Tembé Anacleto, Félix e Antonio Romão foram levados pela FUNAI a fim de “amansarem” os índios Parakanãs, naquilo que se denominou de Frentes de Atração. Além dos Parakanãs, outras tribos indígenas viviam na floresta por onde passaria a estrada. Os Tembé seguiam com os sertanistas para evitar que os índios brabos flechassem os trabalhadores dentro da floresta. Dentre os sertanistas mais conhecidos dos Tembé estava o João de Carvalho (Pinga Fogo). Para a região do Guamá, índios de outras tribos que tiveram algum problema em suas aldeias, foram trazidos pela FUNAI para trabalhar no posto. Se algum índio desobedecesse ao chefe do posto era imediatamente transferido. Os índios transferidos para a região do rio Guamá foram das etnias Gavião, Assurini, Munduruku e Canela (do Estado do Maranhão). Dos Tembé, Bernaldo foi transferido para o Gurupi e nunca mais voltou.

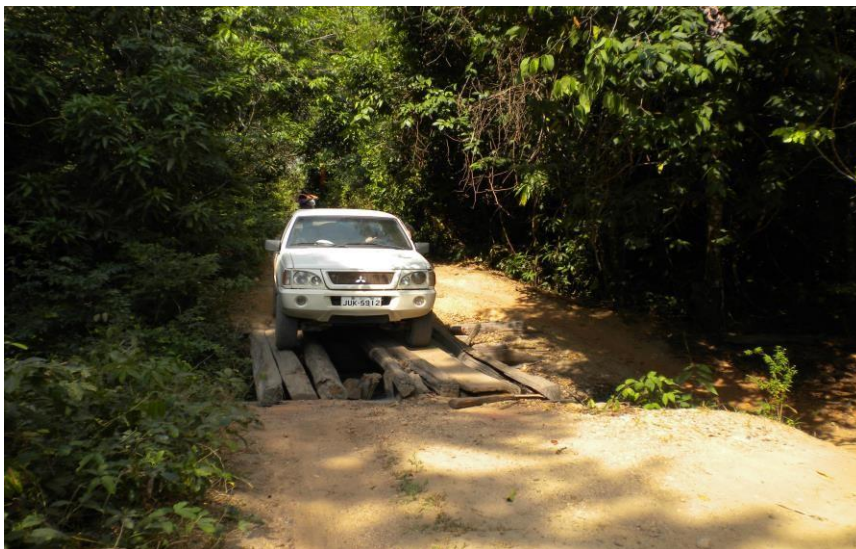
O cacique Joca Tembé também nos disse que o Capitão Chico Romão morava na aldeia do PANELÃO, que ficava abaixo da aldeia SÃO JOSÉ. Também existia a aldeia SÃO PEDRO do lado esquerdo do rio, logo abaixo de onde esta situada a aldeia JAKARÉ. A aldeia chamada de CURUPIRAQUARA ficava também do lado esquerdo do Rio Guamá logo abaixo da atual aldeia SÃO PEDRO. A aldeia denominada de PEDRO SOARES ficava acima da atual aldeia SEDE. Nessa aldeia morava o pajé Pedro Soares. A aldeia Raimundo Carneiro ficava acima da aldeia Panelão. A aldeia chamada de JARITEQUARA era a última aldeia Tembé. Situada mais abaixo de todas, era assim denominada porque ficava no igarapé Jaritequara limite das terras Tembé pela parte de baixo do Rio Guamá. Os nomes das aldeias foram dados pelos brancos, notadamente pelos Padres Franciscanos, que entraram em contato com os Tembé antes do SPI. Vieram evangelizar os índios. E nessa época já

habitavam casas cobertas com telhas de barro. O pai do cacique Joca Temb  estudou com as freiras.

Os Temb  quando moravam do lado esquerdo do Rio Guamá trabalhavam com cerâmica, afirma Joca Temb , sabiam fazer potes para carregar água, pratos para as refei es, vasilhas para o café, fornos para torrarem a farinha. Hoje esqueceram dessa habilidade manual. É preciso reaprender. As suas casas eram cobertas com as folhas de ubin e fechadas com palhas de naj  ou pindova. As portas eram feitas de talas de guarim . Nos lembra Joca Temb  que antigamente os pajés trabalhavam com espíritos de animais como o jacaré e o sapo. Joãozinho era o caboco (entidade) chefe. Joãozinho Curador era um  ndio encantado, chefe dos espíritos do mato (animais). Segundo o cacique Joca podemos encontrar atualmente os Temb  em vários lugares fora da TIARG. Antigamente os Temb  habitavam o bairro da aldeia, na cidade de Bragança. Ainda vivem algumas famílias Temb  por lá. No Rio Guamá existe Temb  no lugar denominado de Jaquarequara. Também moram na vila de Boca Nova no município de Capitão Poço. Moram em Acar -Mirim, em Tomé-Açu e em muitos outros lugares.

O cacique Joca mandou bater açaí na vila de Marapinima. Chegou o vinho, nós bebemos o quanto pudemos daquele açaí gostoso, nos despedimos e pegamos a estrada de volta. Tempos depois percebi que esqueci meu chapéu de palha na aldeia ITA HU, talvez seja o prenúncio de minhas muitas outras voltas por l .

## **VOLTA**



**Saindo da TIARG**

Na pinguela, bem na saída da TIARG tivemos problemas para atravessar. Contando com a habilidade de Raimar conseguimos atravessar a pinguela. Chegamos a vila de Marapinima, rumamos para a cidade de Garrafão do Norte onde ficou Edilberto. Aproveitamos para almoçar um frango assado com cerveja bem gelada na churrascaria do gordo em Garrafão do Norte. Rumamos para Capitão Poço. De lá seguimos por Irituia até chegar a rodovia Belém-Brasília que nos levaria de volta para a cidade de Belém do Pará com as mochilas cheias de anotações e a cabeça carregando um pedaço do Brasil até então jamais pensado e visto e no entanto muito, enormemente esperançoso.